

Hortifruti Brasil

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP
Ano 11 - Nº 121 - Março de 2013 - ISSN 1981-1837



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hfrbrasil



O NOVO MAPA DA HORTIFRUTICULTURA

Hortifruti Brasil avalia oportunidades e desafios dos grandes polos hortifrutícolas



CUIDADO



CÃO BRAVO

Restrição de uso no Estado do Paraná.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.



c.a.s.a.

0800 704 4304

www.syngenta.com.br



EFICIENTE NAS CULTURAS DE TOMATE, CEBOLA E BATATA.

RIDOMIL GOLD BRAVO

CUIDA DA SUA PLANTAÇÃO, PROTEGENDO SEMPRE E COMBATENDO QUANDO NECESSÁRIO.

Ridomil Gold Bravo é o pior inimigo para as principais doenças que atacam a sua plantação: a requeima no tomate e na batata e o míldio na cebola. Isso porque ele é o único que combina dois ativos poderosos: um sistêmico e outro protetor. Além disso, ele é resistente à chuva e tem grande aderência na planta. Com Ridomil Gold Bravo, a sua plantação fica protegida e você fica tranquilo.

 **RidomilGold**[®]
Bravo

syngenta.

A DINÂMICA DO MAPA DA PRODUÇÃO HORTIFRUTÍCOLA BRASILEIRA



Fabrício Zagati e Daiana Braga organizaram a matéria sobre o novo mapa hortifrutícola do Brasil.

Regiões tradicionais na produção de frutas e hortaliças estão reduzindo a área cultivada, ao passo que novos polos têm se destacado. O novo mapa da produção hortifrutícola que está se configurando é o assunto da *Matéria de Capa* desta edição.

Entre os anos de 2002 e 2011, três regiões tradicionais selecionadas para análises nesta edição (Sul do País, estado de São Paulo e Sul de Minas Gerais) reduziram em 4% a área destinada à hortifruticultura, segundo base de dados

do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mais especificamente, foram considerados 11 hortifrutícolas-alvo da **Hortifruti Brasil**: banana, batata, cebola, cenoura, citros, maçã, mamão, manga, melão, tomate e uva.

Já as regiões em expansão, tiveram, juntas, aumento de 35% da área. Trata-se dos polos Rio Grande do Norte/Ceará, Vale do São Francisco, Irecê e Chapada Diamantina (BA), Cristalina (GO), norte de Minas e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Dentre os principais responsáveis por esse novo mapa da hortifruticultura nacional estão a disponibilidade de mão de obra, o preço da terra e as condições climáticas, naturais ou associadas a tecnologias. Outro fator que tem impulsionado novas regiões produtoras é o aumento da demanda por frutas e hortaliças fora do eixo Sul-Sudeste. Diferentemente, no início da década passada, o maior impulso para a estruturação de novos polos, como Rio Grande do Norte/Ceará e Vale do São Francisco, vinha da demanda externa, hoje enfraquecida. No final da década passada, foi o mercado doméstico tanto do Centro-Oeste

quanto do Nordeste que impulsionou a área de produção dessas regiões.

Quanto ao quesito clima, ainda que visto como fator predominantemente favorável, nem sempre apresenta boas condições nas novas áreas de produção. O longo período de seca que tem sido observado desde 2012, limita o uso de irrigação e, com isso, reduz a rentabilidade dos produtores. Por outro lado, tem evitado a deterioração das rodovias que, em geral, já não são boas. Assim, de modo a contornar o comportamento do clima cada vez mais atípico em todo o território brasileiro, é necessário que haja um monitoramento climático e alternativas que maximizem o uso de recursos hídricos de cada região.

Além da questão climática, outros desafios também relevantes na pauta da hortifruticultura nacional para os próximos anos são: obter do poder público empenho para o registro de defensivos voltados ao setor e também para que invista na infraestrutura rodoviária, avanços no manejo adequado de pragas e doenças e a consolidação de mercados ainda pouco explorados, como muitos das regiões Nordeste e Norte.



Lançamento

Tomini

Tomate Híbrido F1

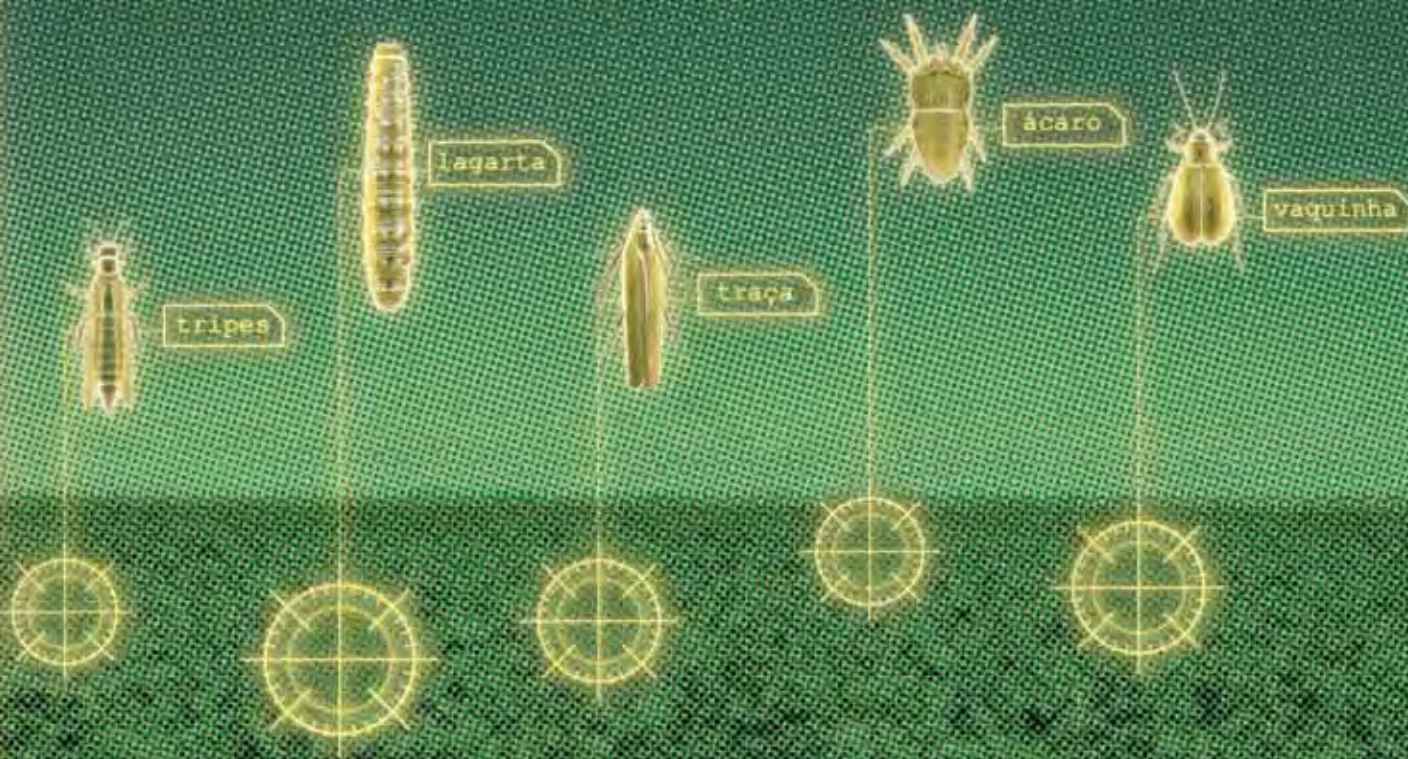
 Uma empresa voltada para o futuro

www.sementesfeltrin.com.br | (54) 2109.4400

Pirate®

Inseticida

Para múltiplas culturas, contra múltiplos alvos.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle de doenças/pragas/plantas infestantes (ex.: controle cultural, biológico etc) dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Para maiores informações referentes às recomendações de uso do produto e ao descarte correto de embalagens, leia atentamente o rótulo, a bula e o receituário agrônomo do produto. Produto registrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sob número 05898.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e no receituário. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por pessoas não autorizadas.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Pirate®. Inseticida e acaricida com alta eficácia no controle de importantes traças, lagartas, tripses, ácaros e de outras pragas em hortifruti.

- Ampla espectro de ação.
- Modo de ação exclusivo e movimentação translaminar.
- Excelente ação de choque e residual de controle.
- Ideal para o Manejo Integrado de Pragas (MIP).

0800 0192 500
www.agro.basf.com.br

BASF
The Chemical Company

OPINIÃO



Frutas e hortaliças em miniatura

Excelente e esclarecedora a matéria sobre os mini e “baby” hortifrutis. Acredito que o mercado tem grande potencial, uma vez que a renda do brasileiro vem aumentando e cada vez mais as pessoas estão procurando uma alimentação mais saudável. Para os produtores próximos a grandes centros ou a grandes redes de mercado, o “baby” e o mini são excelen-

tes oportunidades de investimento.

Paulo Mocelin – Campos Novos/SC

Nesta matéria, pude ver nosso potencial na produção de mini e “baby” frutas e hortaliças. Apesar de o custo de produção ser mais elevado, o manejo desses pequenos hortifrutis é similar ao do convencional. O Brasil vive em um momento econômico

CAPA 8



Enquanto regiões tradicionais estão reduzindo a área hortifrutícola, outras praças, especialmente o Nordeste, têm expandido os investimentos. Veja quais são essas regiões na Matéria de Capa.

FÓRUM 40

Os entrevistados desta edição explicam porque decidiram explorar outras regiões de modo a ampliar seus investimentos.

SEÇÕES

BATATA



25

TOMATE



26

CEBOLA



28

FOLHOSAS



29

CENOURA



30

MELÃO



32

MAMÃO



33

CITROS



34

UVA



36

MANGA



37

BANANA



38

MAÇÃ



39

EXPEDIENTE

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico: Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos: João Paulo Bernardes Deleto, Mayra Monteiro Viana, Renata Pozelli Sabio e Letícia Julião

Editora Executiva: Daiana Braga
MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável: Ana Paula da Silva
MTb: 27.368

Revisão: Alessandra da Paz, Daiana Braga e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica: Amanda Jéssica da Silva, Amanda Rodrigues da Silva, Ana Beatriz Fernandes Barboza, Fabrício Quinalia Zagati, Felipe Vitti de Oliveira, Fernanda Geraldini Gomes, Flávia Noronha do Nascimento, Gabriela Mattos de Souza, Guilherme Ramalho dos Santos, Henrique dos Santos Scatena, Isadora do Nascimento Palhares, João Gabriel Ruffo Dumbra, Karina Yukie Shinoda, Marcella Benetti Ventura, Margarete Boteon, Mayra Monteiro Viana, Renata Pozelli Sabio e Rodrigo Moreira Ramos.

Apoio: FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte: ênfase - assessoria & comunicação
19 3524-7820

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.



HORTIFRUTI BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da **Hortifruti Brasil** no site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Entre também no blog e no twitter:

 www.hortifrutibrasil.blogspot.com

 www.twitter.com/hfbrasil

mais confortável, então, acredito que nossos consumidores pagariam mais por um produto diferenciado.

Simplício Lyra – Goianinha/RN

Do ponto de vista do produtor, a matéria de capa de fevereiro poderia ter abrangido temas relacionados à tecnologia, a fornecedores de sementes, a embalagens, a beneficiamento e outros. Já do ponto de vista do consumidor, é necessário mais divulgação sobre as qualidades desses produtos. Em Salvador (BA), onde resido, as pessoas ainda olham esses produtos com curiosidade, mesmo porque são encontrados apenas em lojas específicas de supermercados (de classe de renda mais elevada).

Massilon J. Araújo – Salvador/BA

O Brasil necessita de produtores profissionais de hortifrutis diferenciados. É preciso despertar nos produtores a necessidade de se atender a demanda de consumidores que estão dispostos a pagar por qualidade.

Washington Weber – Uberlândia/MG

Achei a matéria oportuna. Essas pequenas frutas e hortaliças adequam perfeitamente a certos segmentos, já que muitas pessoas vivem sozinhas e as pequenas porções acabam sendo mais adequadas.

Lucio Batista – Taguaí/SP

Sem dúvida, o mercado de mini e “baby” frutas e hortaliças é uma realidade. O brasileiro está mais exigente e em busca de novidades, as saladas devem ser mais elaboradas e variadas. Estou pensando em investir neste mercado. Já estou produzindo uvas de mesa de variedades diferentes (negra e sem semente). Já passou o tempo em que o brasileiro só comprava pelo preço. Hoje a qualidade e o visual são fatores fundamentais.

Jose Loyo Arcoverde Jr. – Petrolina/PE

Se pesquisadores buscarem aumentar a concentração de nutrientes e vitaminas nesses mini e “baby” frutas e hortaliças, tornando-os mais saudáveis do que os convencionais, acredito que a venda desse tipo de produto pode aumentar. Não basta só sabor diferenciado. É preciso colocar nesses produtos substâncias que são diferenciais no dia a dia das pessoas.

William Mastro – Pedregulho/SP

Achei a matéria oportuna e rica em informações. Todo

produto novo tem espaço para crescer. Essas frutas e hortaliças em miniatura têm ótimo apelo mercadológico. Agregando-se valor, sempre haverá consumidor disposto a pagar mais por produtos diferenciados.

Luiz Gonzaga Fenólio – Ribeirão Preto/SP

Assim como as convencionais, as frutas e hortaliças em miniatura têm seu espaço na mesa do brasileiro, algo já muito comum nos países de primeiro mundo. Isso é motivado pela sustentabilidade, de modo a evitar o desperdício de alimentos e o uso consciente dos nutrientes.

Fernando Medeiros – Petrolina/PE

A reportagem foi boa para mostrar ao consumidor uma nova tendência no mercado nacional. Produzo o “tomatinho”, que já tem uma boa aceitação no mercado e o valor agregado é bastante rentável. O consumidor tende a pagar um pouco mais por aquilo que lhe é agradável aos olhos.

Dito Borba – Senador Amaral/MG

Minha visão sobre alimentos é que tenham sabor, cor e odor característico do alimento. Comercializo frutas com as características acima mencionadas, e recebo mais, estou contente e não pretendo mudar, somente melhorar.

Ivan Streit – Parecí Novo/RS

Com a ascensão social das camadas mais baixas da sociedade, esse nicho de mercado tende a aumentar, com pessoas mais aptas a pagar mais caro por um produto diferenciado.

Rafael Prado – Boa Vista/RR

Esse assunto é relevante. Por se tratar de produtos mais saudáveis e menos agressivos à natureza, ocuparia menos espaço no campo e necessitaria de um menor uso de defensivos em sua produção. Tenho visto esse mercado ganhando força com uma intensidade relevante, no entanto, os consumidores desses produtos ainda são de uma classe mais alta, os quais estão buscando esses produtos diferenciados por serem mais benéficos à saúde. Mas ainda há aqueles de classe inferior que os classificam como produtos de luxo, por não terem condições financeiras de comprá-los devido seu maior valor em comparação com as hortaliças comuns.

Manasses Moraes - Leopoldo de Bulhões/GO

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

O NOVO MAPA HORTIFRUTÍCOLA

Hortifruti Brasil avalia oportunidades e desafios dos grandes polos hortifrutícolas

O mapa da produção dos hortifrutícolas se alterou nesta década em comparação à passada. Regiões tradicionais localizadas no estado de São Paulo, Sul de Minas e na região Sul do País estão reduzindo área, enquanto novas praças expandem a produção, especialmente no Nordeste. Apesar de os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não relatarem a área de todos os hortifrutícolas em suas estatísticas por município, é possível captar essa tendência para os principais produtos hortifrutícolas amostrados pelo Instituto: batata, tomate, cebola, banana, citros, maçã, mamão, manga e uva.

O novo mapa que está se configurando nesta década é foco desta *Matéria de Capa*. O objetivo principal é avaliar as oportunidades e desafios de cada uma das principais regiões de hortifrutícolas do País (ver mapa ao lado). A **Hortifruti Brasil** selecionou nove regiões: três tradicionais e sete novas áreas de produção.

As praças tradicionais são representadas por principais municípios hortifruticultores do estado de São Paulo, do Sul do País e da região Sul de Minas. Essas regiões enfrentam desafios semelhantes entre si, como a dificuldade de expansão de área devido ao elevado preço da terra, menor disponibilidade de mão de obra e problemas fitossanitários ocasionados por manejo inadequado por anos consecutivos em um mesmo local. Entre 2002 e 2011, essas regiões reduziram em torno de 4% a área cultivada, mas ainda representavam 83% do total cultivado com os respectivos produtos no País em 2011 (IBGE). Apesar da ausência de dados estatísticos do IBGE por município para o ano de 2012, as projeções da **Hortifruti Brasil** indicam que a tendência de redução de área nessas praças tem se mantido, gerada especialmente pela baixa oferta de mão de obra rural e de áreas para expansão livres de patógenos.

Como novas regiões em expansão, foram destacados os municípios produtores do Rio Grande do Norte/Ceará, o Vale do São Francisco, a região de Irecê e Chapada Diamantina (BA), Cristalina (GO), o Norte de Minas Gerais e o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Nessas regiões, a área com os hortifrutícolas acompanhados por município pelo IBGE aumentou 35% entre 2002 e 2011, impulsionada principalmente por

condições climáticas favoráveis ao cultivo mediante o uso de novas tecnologias, valor da terra mais acessível que nas regiões tradicionais e relevo plano, facilitando a mecanização de diversas culturas. Outro fator positivo foi o aumento de demanda por frutas e hortaliças.

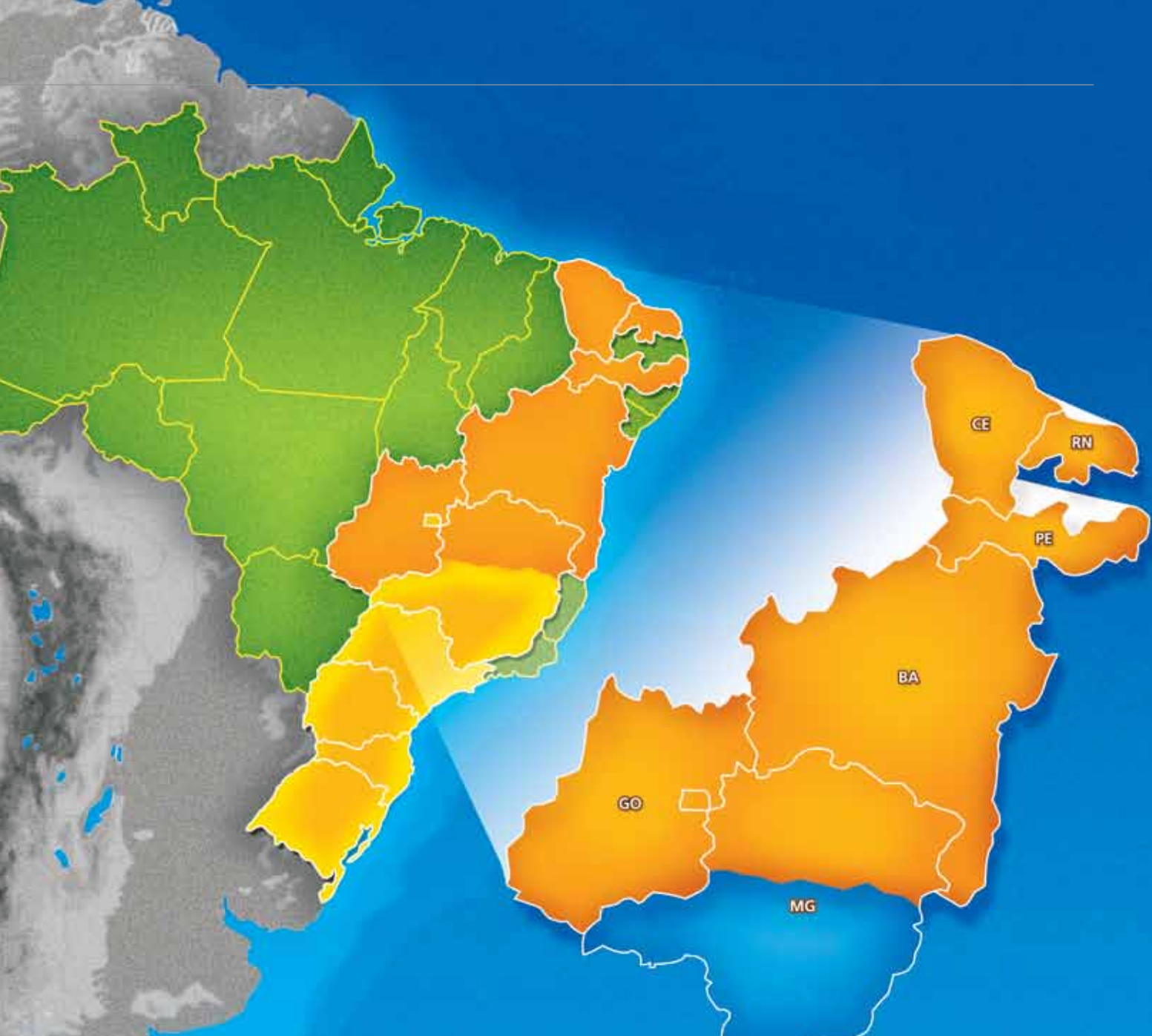
No início da década passada, veio da demanda externa o estímulo para a produção de frutas no Rio Grande do Norte/Ceará e Vale do São Francisco. Já no final da década passada, foi o crescimento do mercado doméstico, especialmente no Centro-Oeste e Nordeste, que impulsionou a área de produção nesses novos polos. Depois da forte expansão registrada entre 2002 e 2011 pelo IBGE, as estimativas de área feitas pela **Hortifruti Brasil** em 2012 e em 2013 apontam que a atividade segue em crescimento, mas em ritmo bem mais moderado, especialmente por conta da severa estiagem no Nordeste. Outro fator que limita a expansão sobretudo das frutas no Nordeste é a queda da demanda externa em decorrência da situação econômica na Europa e nos Estados Unidos.

Nos próximos anos, dois grandes desafios para que a hortifruticultura nacional siga em expansão são o aumento da eficiência produtiva nas regiões tradicionais e a melhora das condições de infraestrutura das novas áreas, a fim de otimizar a comercialização no mercado doméstico.

Diante das oscilações climáticas cada vez mais frequentes, é necessário também que haja monitoramento climático mais apurado e preventivo, que permita ao hortifruticultor ações que evitem ou amenizem impactos sobre a sua produção e rentabilidade. É preciso também maximizar o aproveitamento de recursos hídricos de modo a reduzir a dependência das chuvas.

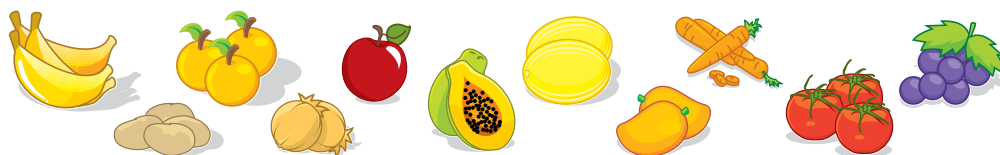
Em regiões onde predomina a pequena escala, hortifruticultores podem se unir em associações ou cooperativas com o objetivo, por exemplo, de explorar novos mercados. Diante da concorrência, outro desafio do produtor é diferenciar-se e, assim, manter a fidelidade de clientes, os quais estão cada vez mais exigentes com qualidade.

Confira nas próximas páginas as oportunidades e desafios das tradicionais e potenciais regiões hortifrutícolas do Brasil.



Principais pólos hortifruticultores do Brasil

Principais Produtos:



	2002	2011	Varição
Área Total	1.165.435	1.173.919	1%
Áreas Tradicionais: São Paulo, região Sul e Sul de Minas Gerais	1.020.809	978.370	-4%
Áreas em expansão: Rio Grande do Norte/Ceará, Vale do São Francisco, Irecê e Chapada Diamantina (BA), Cristalina (GO), Norte de Minas Gerais e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	144.626	195.549	35%

Fonte: IBGE, Cepea



RIO GRANDE DO NORTE/CEARÁ: PROXIMIDADE

O Rio Grande do Norte/Ceará (RN/CE) é um grande polo produtor de frutas do Nordeste do Brasil. Sua produção é vendida no mercado brasileiro, mas, principalmente, no exterior. Do conjunto de culturas acompanhadas pela **Hortifruti Brasil**, destacam-se neste polo a banana, o melão e o mamão, os quais, segundo o IBGE, ocuparam 71.846 hectares da região em 2011, 18% a mais que em 2002, quando a área era de 60.676 hectares. A consolidação deste importante polo de fruticultura proporcionou, por exemplo, valorização da terra em 319% entre 2002 e 2011, com o hectare passando a valer R\$ 4.400,00 (valor nominal de 2011).

A maior parte da produção desse polo vem de grandes empresas. Muitos produtores são exportadores e dispõem de elevada infraestrutura em suas propriedades. Os médios produtores, por sua vez, unem-se em cooperativas em busca de maior competitividade no mercado. Quanto aos pequenos, não possuem estrutura de exportação e, quando não estão vinculados a cooperativas, vendem sua produção para as grandes empresas.

Uma grande vantagem do polo RN/CE quanto às demais regiões brasileiras de frutas é o fato de estar próximo a portos marítimos, o

que contribui significativamente para as exportações. Esse mercado continua atraindo interesse de algumas grandes empresas, que planejam aumentar os investimentos, mas outras ponderam sobre a persistência das condições econômicas ruins na União Europeia.

Nesse contexto, têm aumentado a porcentagem de frutas produzidas no RN/CE e destinadas ao mercado interno. Além de o consumidor estrangeiro estar menos capitalizado, o brasileiro tem tido interesse e condições de comprar mais frutas.

O escoamento da produção desse polo para o exterior é feito por portos do Nordeste, como o de Natal (RN), Fortaleza e Pecém (CE), Recife (PE) e o de Salvador (BA). Para o mercado doméstico, o transporte é rodoviário e algumas das principais estradas do Nordeste encontram-se em condições relativamente boas devido à estiagem prolongada na região.

Para abastecer os principais centros consumidores do Sudeste e Sul, há de se enfrentar o elevado custo de pedágios, mas com a contrapartida de estradas em boas condições. Já para a região Norte, apesar de polos produtores como o RN/CE estarem próximo, ainda há grandes dificuldades em abastecer os estados daquela

Rio Grande do Norte/Ceará

Principais Produtos:



	2002	2011	Variação
Área	60.676	71.846	18%
Valor da terra (R\$/ha)*	1.051	4.400	319%

Vantagens:

Propriedades próximas aos portos marítimos

Desvantagens:

Distância dos centros consumidores como SP e Sul

*Terra agrícola de alta produtividade com potencial de irrigação na Chapada do Apodi/RN (Fonte: Agrianual/FNP)

DOS PORTOS FACILITA A EXPORTAÇÃO

região. Para chegar a Manaus (AM), por exemplo, é necessário realizar o trajeto em balsas e enfrentar estradas em condições precárias, com buracos e muitas vezes de terra, o que acaba tornando inviável a comercialização de frutas naquele mercado.

Um dos principais desafios permanentes a serem enfrentados por produtores do RN/CE é a questão climática. Um incremento na produção de hortifrutícolas dependerá do comportamento do clima.

No curto prazo, previsões do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe) indicam que, pelo menos até maio,

a probabilidade de chuva continua abaixo do considerado normal em praticamente todo o Nordeste, o que mantém produtores de frutas e hortaliças em alerta. No entanto, é necessário que haja um monitoramento climático de longo prazo, de modo que o hortifruticultor consiga contornar as oscilações climáticas cada vez mais frequentes não só no Rio Grande do Norte/Ceará como também em todo o território brasileiro. O produtor também precisa contar com medidas do governo, como normas mais claras quanto ao registro de defensivos para a hortifruticultura e a manutenção da infraestrutura rodoviária para o melhor escoamento em todo o Brasil.

MELHOR NUTRIÇÃO PARA SUA LAVOURA!

- Fornece os elementos essenciais para as plantas em complexação;
- Rápida absorção e maior translocação dos nutrientes nas plantas;
- Aminoácidos de extrema qualidade;
- Redução dos efeitos de estresses;
- Maior qualidade e incremento na produção.



Altech
CROP SCIENCE



IRECÊ: DIANTE DO CLIMA CADA VEZ MAIS SECO, ALTERNATIVA É APROFUNDAR POÇOS ARTESIANOS

No centro-norte baiano, está localizado o município de Irecê, que tem se consolidado na produção de olerícolas. Nessa região, também se destacam João Dourado e Lapão. Os principais hortícolas produzidos são tomate, cebola e cenoura.

Segundo dados do IBGE, de 2002 a 2011, a área cultivada com cebola e tomate – não há dados específicos sobre cenoura – nesses três municípios aumentou 292%, passando de 1.161 hectares para 4.555 hectares. Esse aumento significou maior procura por terras onde há possibilidade de agricultura irrigada e, conseqüentemente, valorização desse ativo. O hectare na região passou de R\$ 2.285,00 em 2002 para cerca de R\$ 2.967,00 em 2011, em valores nominais, segundo números do Anuário da Agricultura Brasileira (Agrianual/FNP).

O clima quente e seco combinado ao uso de irrigação favorece o cultivo de hortifrutícolas durante o ano todo, inclusive em períodos de entressafra de outras regiões o que tende a proporcionar boas remunerações aos produtores baianos.

A dependência da prática da irrigação, por sua vez, condiciona os investimentos na região à disponibilidade de água. Nos últimos anos, esse

tem sido o principal problema enfrentado pelos produtores de Irecê, forçando-os a aprofundar os poços para continuar a irrigação.

Além de inibir os investimentos, a disponibilidade de água também limita o tamanho das propriedades, já que essas devem ser próximas a fontes de água. Em média, produtores têm área de aproximadamente 5 hectares, o que impossibilita ganhos de escala.

Produtores da região de Irecê comercializam principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Com a recente melhora das condições rodoviárias de importantes vias interestaduais, a produção é escoada sem grandes problemas. No entanto, para regiões mais distantes, como a capital do Amazonas (Manaus), ainda há dificuldades para o envio de frutas e hortaliças.

O preço dos fretes na região de Irecê acompanha a média nacional. A distância das fazendas baianas em relação aos centros consumidores faz deste um importante componente do preço dos produtos.

Os desafios para os próximos anos consistem em buscar alternativas que maximizem o aproveitamento dos recursos hídricos da região, como projetos de irrigação, e monitoramento climático.

Irecê (BA)

Principais Produtos:



	2002	2011	Variação
Área	1.161	4.555	292%
Valor da terra (R\$/ha)*	2.285	2.967	30%

Vantagens: Clima permite agricultura irrigada durante todo o ano

Desvantagens: Anos de seca limitam a produção

* Terra agrícola com potencial de irrigação em Irecê/João Dourado/Lapão (Fonte: Agrianual/FNP)

VALE DO SÃO FRANCISCO TEM CLIMA FAVORÁVEL PARA FRUTICULTURA



Assim como o Rio Grande do Norte/Ceará, o Vale do São Francisco é um grande polo fruticultor do Nordeste, cuja produção é destinada tanto para o mercado externo – Europa e Estados Unidos – quanto para o interno. Dentre as principais frutas produzidas no Vale do São Francisco, podem ser citadas a uva, a manga e o melão. No grupo de hortaliças o destaque é a cebola, que confere ao Vale do São Francisco o título de maior polo de produção no Nordeste.

Nos últimos anos, produtores de uva do Vale do São Francisco têm aumentado a quantidade da fruta destinada ao mercado brasileiro, principalmente de variedades sem semente. Essa tendência deve continuar em 2013, sendo que as apostas iniciais são de que pelo menos metade dessas uvas seja consumida no próprio País. A comercialização interna tem sido favorecida pelo aumento da classe média e pelo enfraquecimento da economia dos principais importadores da uva brasileira, Estados Unidos e União Europeia. Atualmente, a fruta do Vale já chega ao País inteiro, inclusive à região Norte, onde a logística ainda é bastante dificultada.

Especialmente de 2012 para cá, ao contrário de outras regiões produtoras do Nordeste, o

clima bastante seco no Vale do São Francisco têm sido favorável à cultura da uva, que demanda de um bom período de seca para dar frutos de qualidade elevada. Esse clima favorável (seco) tem se estendido até mesmo no primeiro trimestre, que costuma ser o mais chuvoso no Vale do São Francisco. Com isso, há de esperar que a produção e a qualidade da uva neste ano continuem boas. Em anos de condições climáticas normais, as chuvas no Vale do São Francisco limitam a produção de frutas sem semente de boa qualidade. Desenvolver variedades mais resistentes à umidade, inclusive, apresenta-se como um grande desafio para a região.

Além da uva, outro produto de destaque no Vale do São Francisco é a manga. O Vale é o maior produtor da fruta no País e também a principal região exportadora. Produtores locais têm investido gradualmente em novas tecnologias para garantir a sanidade dos frutos e a boa qualidade também para exportação.

A *tommy* é principal variedade cultivada, mas, nos últimos anos, a região também tem investido na *keitt*, *kent* e, sobretudo, na *palmer*. Tem ocorrido também mudanças de pomares através da enxertia. Essa prática diminui o volume colhi-

Vale do São Francisco

Principais Produtos:



	2002	2011	Variação
Área	42.764	57.369	34%
Valor da terra (R\$/ha)*	2.109	3.900	85%

Vantagens:

Clima quente e seco é benéfico para produção e possibilidade de recursos hídricos pelo rio São Francisco

Desvantagens:

Elevado custo de produção

* Terra agrícola com potencial de irrigação em Juazeiro/BA (Fonte: Agrianual/FNP)

do até que a nova variedade se torne produtiva, mas não interfere na área plantada.

O melão, além de ser produzido no Rio Grande do Norte/Ceará, também é cultivado no Vale do São Francisco, basicamente por produtores de pequeno e de grande portes.

O Vale do São Francisco também produz cebola, com aumento da área nos últimos anos. Em 2002, eram 8.089 hectares na região e, em 2011, 10.234 hectares, aumento de 27%, segundo dados do IBGE. Além do clima nesta região, quente e seco em boa parte do ano, o plantio é favorecido também pela proximidade com o rio São Francisco, que possibilita a irrigação. Além disso, a substituição do sistema de irrigação de inundação por gotejamento trouxe mudanças

significativas no cultivo de bulbos, já que evita desperdício de água, maior eficiência e permite o plantio direto. Essa mudança resultou em significativas alterações no calendário de oferta, de modo que o Vale do São Francisco passou a abastecer o mercado brasileiro em períodos de entressafra de cebola de outras regiões do País.

Sem dúvidas, o Vale do São Francisco tem grande potencial para a produção de frutas e hortaliças. Conta com o mercado brasileiro mais atrativo, recursos hídricos e condições climáticas a favor.

No entanto, culturas produzidas ainda em áreas pequenas, como acerola e goiaba, não dispõem de defensivos com registro no Ministério da Agricultura, o que limita maiores investimentos.



CHAPADA DIAMANTINA SE DESTACA PELA AGRICULTURA IRRIGADA

Nesta região serrana do estado da Bahia, estão localizadas as nascentes de boa parte dos rios que formam as bacias do Paraguaçu, Jacuípe e Rio de Contas. Com esse grande potencial hídrico, a região da Chapada Diamantina se destaca na agricultura irrigada, tendo como principais hortifrutícolas produzidos a batata, o tomate, a cebola e o alho.

Entre 2002 e 2011, a área cultivada com

batata, tomate e cebola na região duplicou, passando de 5.100 hectares para 11.777, segundo números do IBGE. Com esse avanço, o preço do hectare na região valorizou 63% no mesmo período, passando de R\$ 920,00 para R\$ 2.500,00, conforme aponta o Agriannual/FNP.

A região da Chapada Diamantina reúne desde pequenos produtores familiares até grandes grupos que cultivam milhares de hectares

Chapada Diamantina (BA)

Principais Produtos:



	2002	2011	Variação
Área	5.100	11.777	57%
Valor da terra (R\$/ha)*	920	2.500	63%

Vantagens:

Clima permite produção irrigada durante todo o ano

Desvantagens:

Anos de seca limitam a produção

* Terra agrícola com potencial de irrigação em Mucugê/BA (Fonte: Agriannual/FNP)

por ano. Enquanto o pequeno empreendedor destina sua produção para o mercado local, os grandes são responsáveis por abastecer parcela significativa do Norte e Nordeste, aproveitando mercados que antes eram abastecidos por praças do Centro-Sul.

Segundo agentes consultados pela **Hortifruti Brasil** na região, em períodos de excesso de oferta no mercado nordestino e bons preços na região Centro-Sul do País, parte da produção é também direcionada para o Sudeste e Sul, aumentando as alternativas de comercialização em períodos de preços baixos.

Devido ao clima semiárido e a altitudes superiores a 1.000 m, a produção de hortícolas na região da Chapada Diamantina ocorre o ano todo. Além disso, o mercado nordestino também apresenta bom potencial de consumo, condições que tornam a Chapada uma excelente área para a produção e comercialização de olerícolas. Aspectos negativos, como o fato de os insumos chegarem a um valor mais elevado

na região e a necessidade de irrigação durante todo o ano, são compensados pela alta produtividade das lavouras, reflexo do uso de tecnologia avançada.

Segundo agentes locais, o escoamento da produção encontra problemas apenas quando saem para mercados nordestinos fora do estado da Bahia, com custo em linha com a média nacional. Porém, a distância dos centros consumidores torna este um componente forte no custo dos produtos. A distância percorrida pelos produtos até principais centros varia entre cerca de 240 km (Vitória da Conquista/BA) e 2.100 km (Belém/PA), com a maior parte da demanda se concentrando em Salvador (BA), que está a 540 km da Chapada Diamantina.

Com a dificuldade enfrentada nos recentes períodos de seca, iniciativas que visam a maximizar o aproveitamento da água na região, como a irrigação por gotejamento, são apontadas como peça fundamental para a continuidade da produção.

PIB AGRÍCOLA DE CRISTALINA (GO) É UM DOS MAIORES DO PAÍS



Localizada no entorno do Distrito Federal, com um clima tropical de altitude, cerca de 240 nascentes de rios e a maioria do seu relevo plano, a região de Cristalina (GO) se destaca na produção irrigada de olerícolas e grãos. Tem também Produto Interno Agrícola elevado, um dos maiores do País, de acordo com o Ipeadata.

Dentre os olerícolas produzidos, destacam-se a batata, a cebola e o tomate que, somados, ocuparam 12.886 hectares em 2011, segundo o IBGE, aumento em 87% comparativamente à área de 2002, quando essas culturas somavam 6.907 hectares. Há ainda o cultivo da cenoura que, segundo levantamentos da equipe Hortifruti/Cepea, em 2011, alcançou 2.145 hectares na região, crescimento de 95% em relação a 2008, quando eram 1.095 hectares. Esse aumento na área cultivada foi acompanhado pela valorização das terras. Áreas destinadas à agricultura passaram de R\$ 3.506 em 2002 para R\$ 11.067 no ano de 2011, segundo o Anual.

Segundo colaboradores do projeto Hortifruti/Cepea na região, os produtos olerícolas de Cristalina são comercializados nas regiões Centro-Oeste, em que está inserida, Norte e Nordeste. Dependendo dos estímulos do mercado, ainda há a possibilidade de comercialização no Sudeste, mas isso ocorre em menor volume.

O perfil de produtores da região é bem diversificado, mas a maior parte da produção vem de grandes grupos que, pela alta tecnologia empregada, conseguem rendimentos nas lavouras superiores à média nacional. Por exemplo, a cultura da batata, que tem produtividade média nacional de 30 t/ha, apresenta, em Cristalina, rendimento médio de 40 t/ha. Esse ganho em cerca de 30% compensa os maiores gastos com tecnologia e com irrigação.

Os pontos positivos para a produção na região são o clima, que é seco entre abril e setembro, a grande disponibilidade de água, que favorece a irrigação, e o relevo plano, apto à mecanização. Além disso, a posição central na estrutura de rodo-

vias do País favorece a logística para o escoamento da oferta, a fretes dentro da média nacional. Ainda assim, a grande distância de alguns dos centros consumidores faz do frete um importante componente do preço dos produtos da região.

Os maiores desafios de Cristalina são ofer-

tar produtos de boa qualidade e ser produtiva no primeiro semestre, quando o clima é mais úmido; assim, a produção concentra-se no segundo semestre. Apesar disso, a região apresenta grande potencial de expansão, limitado, no momento, pela boa rentabilidade dos grãos.

Cristalina (GO)

Principais Produtos:



	2002	2011	Variação
Área*	6.907	12.886	87%
Valor da terra (R\$/ha)**	3.506	11.067	216%
Vantagens:	Clima favorece agricultura irrigada		
Desvantagens:	Elevado custo de frete devido à longa distância dos centros consumidores		
<small>* Não há informações de área de cenoura no banco de dados do IBGE. ** Terra agrícola de alta produtividade em Cristalina/GO (Fonte: Agrianual/FNP)</small>			

Fonte: IBGE; Cepea; Agrianual.



NORTE DE MINAS CONTINUA ATRATIVO PARA A DIVERSIFICAÇÃO DOS INVESTIMENTOS

A região norte de Minas Gerais merece destaque no mapa da hortifruticultura nacional. Os investimentos nesse setor são cada vez maiores nesta região. Boa parte das frutas aí produzidas e que são alvos de estudos da **Hortifruti Brasil** obtiveram significativo incremento de área nos últimos anos, como o mamão, a manga, a tangerina poncã e a banana.

O mamão é uma das principais frutas que tem recebido investimentos no Norte de Minas ao longo dos últimos 10 anos. Em 2002, havia apenas 164 hectares com mamão; já em 2011, eram 982 hectares, expressivo aumento de 499%, conforme números do IBGE.

A área plantada com manga no norte mineiro em 2002 foi de 1.628 hectares, enquanto que, em 2011, passou para 3.343 hectares, o que representa

aumento de 105%, também de acordo com o banco de dados do IBGE.

No caso de citros, produzir a fruta no Norte de Minas é uma alternativa para “fugir” do período de concentração da oferta de laranja do estado de São Paulo, maior produtor da fruta no País. Assim, podem se beneficiar com melhor remuneração na entressafra paulista de tangerina poncã, por exemplo, que é a partir de março.

A banana é a cultura mais tradicional entre as frutas na região. No entanto, sua expansão entre 2002 e 2010 não é tão expressiva quanto a do mamão e da manga. Segundo os números do IBGE, em 2002, a banana ocupava 13.626 hectares, enquanto que, em 2011, foram 14.142 hectares, incremento de apenas 4%.

Em comparação com São Paulo, o clima no

Norte de Minas é mais quente e o regime de chuva não é tão intenso. No entanto, a estiagem não chega a preocupar citricultores, já que a cultura é irrigada e a disponibilidade de captação de água é facilitada pelo fato de os pomares encontrarem-se no perímetro irrigado do Projeto Jaíba.

A participação de frutas do norte mineiro nos centros consumidores também tem aumentado nos últimos anos. No acumulado de 2010 (janeiro a dezembro), Jaíba foi o sétimo município que mais en-

viou mamão formosa à Ceagesp: 2,4 mil toneladas. Já em 2012, Jaíba saltou para o segundo lugar deste ranking, totalizando pouco mais de 8 mil toneladas.

O norte mineiro tem grande potencial de crescimento, mas necessita de melhoria das condições rodoviárias, que são precárias. Esse é um dos motivos que dificulta o avanço das exportações da região, que fica distante dos portos. Assim, quase a totalidade da produção de frutas do Norte de Minas têm se voltado ao mercado doméstico.

Norte de Minas Gerais

Principais Produtos:



	2002	2011	Variação
Área	15.418	18.467	20%
Valor da terra (R\$/ha)*	1.500	5.633	276%
Vantagens:	Clima propício para a produção de frutas		
Desvantagens:	Rodovias em condições precárias		

* Terra agrícola localizada no perímetro irrigado de Janaúba/MG (Fonte: Agrianual/FNP)

Fonte: IBGE, Cepea, Agrianual.

DISPONIBILIDADE DE TERRAS E MÃO DE OBRA SÃO ATRATIVOS PARA O INVESTIDOR NO TRIÂNGULO MINEIRO/ALTO PARANAÍBA



Região tradicional no cultivo de olerícolas como batata, cebola, cenoura e tomate, o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba vem se destacando nos com o significativo aumento nos investimentos. Nesta região, destacam-se os municípios de Araguari, Araxá, Patrocínio, Perdizes, Santa Juliana, Uberaba e Uberlândia.

De acordo com o IBGE, 23.204 hectares foram cultivados com batata, cebola e tomate na região em 2011, o que representa aumento de cerca de 70% sobre a área de 2002, que era de 13.761 hectares. Em relação à cenoura, dados levantados pela equipe Hortifruti/Cepea mostram que, em 2011, foram cultivados na região 2.123 hectares, o que levaria a área total das

quatro culturas para 15.884 hectares. A expansão na área aumentou a especulação por terras na região, elevando o valor do hectare de R\$ 3.656,00 em 2002 para R\$ 12.200,00 em 2011, segundo o Agrianual, para terras agrícolas na região de Uberlândia.

Além dos bons resultados ao longo dos últimos anos, a migração de produtores de outras regiões foi muito importante para a expansão olerícola no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Isto ocorreu tanto pelas limitações de terras e mão de obra, observadas em regiões produtoras próximas a grandes centros urbanos (caso observado em São Paulo), quanto pela possibilidade da produção em um maior período do ano, visto

que as regiões mais ao Sul apresentam calendário de oferta mais restrito.

O perfil de produtores do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba é diversificado, tanto em tamanho de área cultivada quanto no uso de tecnologias na lavoura. Essa diversificação faz com que produtos desta região sejam comercializados no mercado local e também nos principais centros consumidores do Centro-Sul, sobretudo no estado de São Paulo e no Distrito Federal.

Por estar em uma posição central do País, dispõe de logística privilegiada. Além disso, possui um maior contingente de mão de obra – ainda que não seja tão abundante quanto no passado – e mais áreas disponíveis do que regiões produtoras dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, características que tornam a região ainda mais promissora que no presente.

Nos últimos verões, a região enfrentou alterações climáticas extremas, como um período de veranico seguido por excesso de chuva.

Um dos produtos que tem sido impactado pelas alterações climáticas é a batata. Nos últimos anos, sua rentabilidade não foi positiva justamente pela baixa produtividade – o que pode limitar investimentos no tubérculo.

A exemplo de outras regiões tradicionais, também o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba requer o monitoramento de chuvas e pragas, novas tecnologias de manejo que permitam maior mecanização das atividades e uso de materiais genéticos mais avançados. Essas ações promoveriam a redução dos gastos com agroquímicos e mão de obra ao mesmo tempo em que tenderiam a elevar o rendimento das lavouras e, por consequência, a rentabilidade dos produtores.



SUL DE MINAS GERAIS: PARA CRESCER, É NECESSÁRIO

A tradicional região Sul de Minas é a maior produtora de batata do Brasil. Cultiva grandes áreas também de tomate. Segundo dados do IBGE, batata e tomate ocuparam no ano de 2011 área de 20.969 hectares, redução de 19,4% comparativamente a 2002, quando eram cultivados 26.021 hectares. Essa diminuição ocorre principalmente na área destinada à batata que, nos últimos anos, vem apresentando forte aumento nos custos de produção. A escassez de mão de obra na região, pela competição com outras culturas, como o café, também influencia nessa redução. Além disso, segundo o Agriannual/FNP, o preço da terra no Sul de Minas subiu cerca de 520% entre 2002 e 2011, com o hectare passando de R\$ 1.461,00 para R\$ 9.067,00 (valores nominais).

Nesta região, as propriedades de batatas são tipicamente de pequena escala, com média entre 8 e 10 hectares, com áreas arrendadas. Além disso, em comparação com outros importantes polos, como Chapada Diamantina (BA), Cristalina (GO) e Vargem Grande do Sul (SP), os bataticultores adotam baixo a médio nível tecnológico, com produtividade média entre 27 e 30

toneladas a cada hectare. Atividades como plantio, amontoa e adubação são realizadas manualmente, reduzindo investimentos com maquinários, além de haver ausência de irrigação.

De uns anos para cá, têm aumentado os custos de produção da bataticultura do Sul de Minas. O aumento deve-se principalmente aos reajustes do salário mínimo e à competição por trabalhadores com outras culturas ou mesmo com outros setores da economia. Além disso, o Sul de Minas tem custo fixo mais elevado do que o das demais regiões porque apresenta área média de plantio muito pequena para absorver um maior o inventário mínimo de máquinas e equipamentos necessários.

Uma alternativa para o Sul de Minas seria a divisão do maquinário com outros produtores ou que fossem diversificadas as culturas durante o ano, como forma de diluir os custos fixos. Outra opção seria a organização em cooperativas ou em grupos para viabilizar um mercado de aluguel de maquinário.

Já a cultura do tomate está concentrada em grandes propriedades que comercializam no mercado de São Paulo. Em busca de diferentes

Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)

Principais Produtos:



	2002	2011	Variação
Área	13.761	23.204	69%
Valor da terra (R\$/ha)*	3.656	12.200	234%
Vantagens:	Clima permite o cultivo em quase todo o ano, maior disponibilidade de terras e mão de obra do que SP		
Desvantagens:	Distância dos principais centros consumidores do eixo RJ-SP		

* Terra agrícola localizada na região de Uberlândia/MG (Fonte: Agrianual/FNP)

Fonte: IBGE; Cepea; Agrianual.

SE MODERNIZAR

condições climáticas para aumentar o seu calendário de produção e também pelo fácil escoamento para a capital paulista, o Sul de Minas foi alvo de muitos produtores que também cultivam nas regiões paulistas de Itapeva, Mogi Guaçu e

Sumaré. Recentemente, estes produtores têm migrado para novas praças dentro dessa região, já que as áreas mais tradicionais do Sul de Minas apresentam problemas com esporos do fungo *Fusarium*.

Sul de Minas Gerais

Principais Produtos:



	2002	2011	Variação
Área	26.021	20.969	-19%
Valor da terra (R\$/ha)*	1.461	9.067	521%
Vantagens:	Fácil escoamento para SP		
Desvantagens:	Problemas com <i>Fusarium</i> e competição por mão de obra com outras culturas		

* Terra agrícola na região de Pouso Alegre/Lavras (Fonte: Agrianual/FNP)

Fonte: IBGE; Cepea; Agrianual.



SÃO PAULO: MELHOR INFRAESTRUTURA RODOVIÁRIA FAVORECE ESCOAMENTO

A agricultura no estado de São Paulo é diversificada. Dentre as grandes culturas produzidas, destacam-se cana-de-açúcar (com área colhida em 5.216.491 hectares em 2011, conforme o IBGE), milho (804.541 hectares), laranja (563.952 hectares), soja (488.342 hectares) e café (204.390 hectares). No grupo de frutas e hortaliças, além das cítricas, destacam-se banana, uva, manga, folhosas, batata, tomate e cebola.

São Paulo é também o principal centro consumidor do País. Na capital do estado, encontra-se a maior rede atacadista da América Latina, a Ceagesp, que recebe hortifrutícolas de todo País. A região Sudeste como um todo é a segunda maior consumidora de frutas e hortaliças, atrás apenas do Sul.

As condições climáticas em território paulista são variadas. Na região de Fernadópolis/Jales, por exemplo, onde há significativa produção de laranja e uva de mesa, o clima é bastante seco e quente. No Vale do Ribeira, região forte em produção de banana, o clima é úmido, mas tem apresentado instabilidades. Este verão está menos chuvoso, e as reservas de água da região estão abaixo do normal. Além de variações do clima, há poucas áreas disponíveis para a expansão da cultura, tendo em vista também as restrições da

legislação ambiental.

Em termos de logística, é unanimidade entre os agentes consultados que a malha rodoviária do estado de São Paulo é a melhor do País. É em São Paulo onde há também o maior número de pedágios. Apesar de o “custo pedágio” ser embutido no preço dos produtos, agentes de mercado dizem que compensa pagar pedágios, já que as estradas tendem a estar em boas condições e facilitam o escoamento da produção. Assim, aumentam as chances de o produto chegar mais fresco ao consumidor. Produtores que costumam vender para outros estados acabam sentindo a diferença quando não há cobrança de pedágios. Muitas dessas estradas estão em péssimas condições e o risco de acidentes chega a ser grande. Fatores que limitam o aumento da produção hortifrutícola em São Paulo são a baixa disponibilidade de mão de obra e a falta de novas áreas disponíveis – em ambos os casos, em função da concorrência com outras atividades. Com isso, produtores do estado são levados a buscar alternativas em outras regiões.

Nesse contexto, os desafios do produtor paulista de frutas e hortaliças são se destacar entre os demais, manter a fidelidade de seus clientes, oferecer produtos de boa qualidade e explorar novos mercados, como os dos estados do Norte.

Estado de São Paulo

Principais Produtos:



	2002	2011	Variação
Área	731.960	696.117	-5%
Valor da terra (R\$/ha)*	4.185	15.983	282%

Vantagens:

Possui as melhores condições rodoviárias do País

Desvantagens:

Escassez de mão de obra e de terras para agricultura

*Terra agrícola de primeira cultura - média Estado de São Paulo (Fonte: IEA)



SUL: CLIMA CADA VEZ MAIS QUENTE PODE REDUZIR PRODUTIVIDADE E INDUZIR MIGRAÇÃO

Grande parte dos produtores de frutas e hortaliças do Sul do País tem pequeno e médio porte, havendo destaque da agricultura familiar. Na região de Corupá, no norte de Santa Catarina, por exemplo, a produção de banana é desenvolvida predominantemente em áreas de 10 a 15 hectares. Poucos produtores desta região detêm lavouras maiores, mas alguns chegam a cultivar cerca de 90 hectares da fruta. Com esse perfil, boa parte da horticultricultura do Sul não dispõe de elevada infraestrutura nas propriedades.

No caso da produção de maçã especificamente, o perfil é diferente, com boa parte da oferta vindo de propriedades maiores. Na região de Fraiburgo (SC), há cerca de 20 empresas que produzem a maçã e parte delas é de grande porte. Além de destinarem parte das frutas para o mercado doméstico, são também exportadoras. Essas companhias dispõem de infraestrutura sofisticada, como câmaras de armazenamento e logística própria para escoamento do produto.

A região Sul é a mais fria do Brasil e seu clima favorece a produção de culturas que necessitam de um determinado período de baixas temperaturas, como a maçã, ao tempo em que proporciona melhor qualidade para a batata, que fica mais clara e com melhor aparência.

No entanto, condições climáticas muito extremas podem trazer riscos à agricultura no Sul. Geadas e chuvas em excesso são uma das maiores preocupações dos produtos desta região. Agentes de mercado consultados para esta edição confirmaram que as temperaturas estão cada vez mais elevadas no Sul. No último inverno, por exemplo, teriam ocorrido menos geadas.

ESALQ
USP

Pecege
ESALQ | USP

Aqui o seu MBA é USP



Cursos presenciais,
a distância e in company

MBA's Agro:

- MBA em Agronegócios Esalq/USP
- MBA em Agroenergia Esalq/USP

MBA's ADM:

- MBA em Gestão Estratégica Esalq/USP

Inscrições Abertas!

www.pecege.esalq.usp.br

Contato

(19) 3375 4250 - (19) 3375 4251 - (19) 3434 1333

Escritório I

Av. Pádua Dias, 11

Caixa Postal - 252 CEP 13400-970

Escritório II

Alexandre Herculano, 120, Sala T4

Vila Monteiro - CEP 13418-445

Piracicaba/SP



DUPONT PROGRAMA BATATA. PREVENIR É ALIMENTAR MAIS.

**DuPont[™]
Equation[™]**
fungicida

**DuPont[™]
Curzate[™] BR**
fungicida

**DuPont[™]
Midas[™] BR**
fungicida

**DuPont[™]
Kocide[™] WDG**
fungicida

Manzate® WG
fungicida

**DuPont®
Rumo® WG**
inseticida

**DuPont®
Premio®**
inseticida

**DuPont®
Lannate® BR**
inseticida



Juntos, podemos alimentar o mundo. A DuPont acredita que as respostas para os maiores desafios enfrentados pela humanidade podem ser encontradas através do trabalho em conjunto com universidades, governos, empresas e organizações. Assim, podemos levar ao campo produtos que ajudam no incremento da produtividade, suprindo as necessidades de uma população que não para de crescer.

ATENÇÃO: Este produto é vendido a preço fechado, tanto a varejo quanto atacadista. Leia atentamente a embalagem antes de utilizar este produto. Não permita a utilização do produto por pessoas de idade. **CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO, VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.** Proibido de uso agrícola. Para a Marca Registrada de DuPont, consulte o site www.dupont.com. Copyright © 2012 - DuPont. Todos os direitos reservados. As marcas DuPont®, Rumo®, Premio®, Lannate®, e Manzate® são marcas registradas da E.I. du Pont de Nemours and Company. Este produto é vendido sob o MPA. Manzate® WG é produzido pela United Phosphorus Limited e distribuído pela DuPont do Brasil S.A. Setembro 2012.



Para mais informações:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br

Por outro lado, produtores de Fraiburgo e São Joaquim (SC) foram surpreendidos pela queda de temperaturas e até mesmo geadas no fim do ano passado, em plena primavera e verão.

Por conta desta instabilidade do clima, a cultura da maçã teve sua área reduzida nos últimos anos, sobretudo em Fraiburgo (SC). Conforme levantamentos da equipe Hortifruti/Cepea, a fruta foi plantada em 6.500 hectares na temporada 2011/12, mas em 2012/13, limitou-se a 6.100 hectares, redução de 6,2%. Da temporada 2010/11 para a 2011/12, a redução na área de maçã em Fraiburgo havia sido ainda maior, de 15,3%. Agentes locais explicam que uma das alternativas foi transferir a produção para outras regiões no próprio estado, mais próximas de serras, onde as temperaturas são menores e mais propícias à cultura da maçã.

Além da fruticultura, o Sul ainda é um grande produtor de cebolas, com destaque para o município de Ituporanga (SC), que mais produz cebola na safra de verão. Porém, segundo dados do IBGE, a área com essa cultura tem diminuído. Em 2002, a produção de cebolas ocupava 45.983 hectares em toda a região Sul e, em 2011, baixou para 39.170 hectares, redução de 15% em 10 anos. Sobretudo nos últimos dois anos, essa hortaliça foi impactada por variações climáticas como seca no processo de bulbificação e chuvas frequentes durante a colheita, o que tem trazido prejuízos ao setor. Houve ainda relatos de granizo no ano passado.

No Paraná, a produção de uva é básica-

mente de variedades finas de mesa, como ao itália e a niagara, sendo esta última também destinada ao processamento industrial. Os principais municípios produtores de uva estão na de Maringá, sendo Marialva a principal produtora de uva finas, a região norte do estado (Uraí, Assaí e Bandeirantes), que também produzem uvas finas, e Rosário do Ivaí, produtora de uva niagara.

Dependendo de como o clima se comporta durante uma safra, o produtor de uva pode ou não se capitalizar. Caso a rentabilidade seja sucessivamente baixa, uma das alternativas seria partirem para a produção de outras frutas e cereais. Além de mais resistentes a certas variações do clima, podem depender menos de tratos culturais, uma vez que a mão de obra disponível para a agricultura é cada vez mais difícil. Outras hortaliças também produzidas no Paraná são batata e cenoura.

O clima tende a ser cada vez mais foco de atenção de produtores que queiram investir ou mesmo ampliar seus negócios na região Sul e, nesse contexto, é necessário que haja monitoramento climático nas propriedades. Além disso, é importante que o produtor utilize sementes de variedades mais resistentes às oscilações climáticas e a patologias.

A dificuldade de mão de obra também limita investimentos no Sul. No longo prazo, produtores que dependem da contratação de trabalhadores podem acabar deixando o setor. A agricultura familiar, por sua vez, apresenta vantagens nesse aspecto.■

Região Sul			
Principais Produtos:			
	2002	2011	Variação
Área	262.828	261.284	-0,6%
Valor da terra (R\$/ha)*	6.826	16.500	142%
Vantagens:	Clima propício para a fruticultura temperada		
Desvantagens:	Variações climáticas frequentes atrapalham a produção dos hortifrutícolas		
* Terra agrícola de alta produtividade em Guarapuava/PR (Fonte: Agrianual/FNP)			

Fonte: IBGE; Cepea; Agrianual.



Minas Gerais segue abastecendo o mercado em março

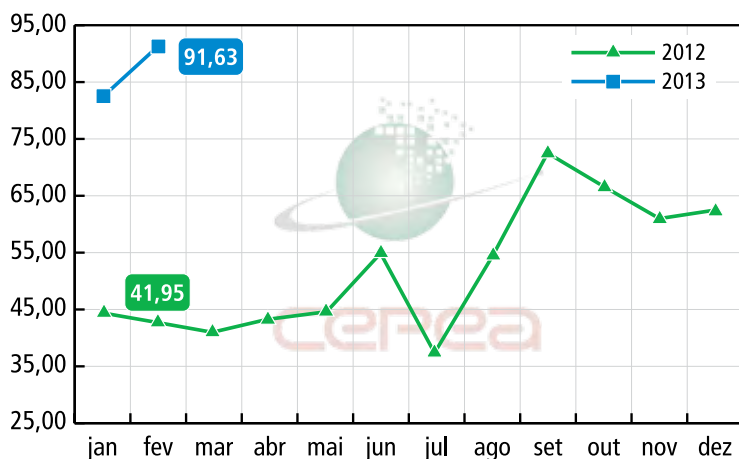
É pico de colheita no Triângulo

O pico da colheita da safra das águas 2012/13 do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba deve ocorrer em março – as atividades começaram em janeiro. No mês, estima-se que cerca de 40% da área dessa região será ofertada. A área cultivada é semelhante à da última temporada, em que produtores tiveram resultados negativos. Com a concentração das atividades em março, as cotações devem ser inferiores às de janeiro e fevereiro. O clima chuvoso desde o final de janeiro, porém, pode fazer com que certas roças apresentem ligeira quebra de produtividade, além de reduzir a qualidade. Caso as chuvas persistam na região, a quebra pode se acentuar a partir do final de março. A previsão da Somar é de chuva dentro da média em março. A colheita da safra das águas vai até maio no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.



Sul de MG encerra safra com boa rentabilidade

A safra das águas 2012/13 está praticamente encerrada no Sul de Minas Gerais. Há produtores da região que colhem o ano todo; apesar disso, a safra, de modo geral, ocorreu do final de dezembro/12 até o início de março/13. Com redução próxima de 8% na área, bataticultores mineiros receberam bons preços durante toda a colheita. Até o final de fevereiro, quando 90% da safra havia sido colhida, o preço médio da ágata, ponderado pelo calendário, foi de R\$ 58,37/sc de 50 kg, 67%



Preços seguem em alta em fevereiro

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

superior ao custo médio estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Com relação à safra das águas 2013/14, a expectativa inicial de produtores é de manutenção na área; no entanto, os resultados das temporadas das secas e inverno ainda irão influenciar nessa estimativa.

Plantio das secas termina com leve atraso no PR

O plantio da safra das secas 2013, que começou em janeiro e deveria ter sido encerrado em fevereiro, acabou se prolongando até março em Curitiba, São Mateus do Sul, Irati e Ponta Grossa (PR). O atraso na finalização das atividades ocorreu devido às chuvas no Paraná, que deslocaram parte dos trabalhos de campo para março. Apesar disso, não foram registrados problemas com doenças nas lavouras. Segundo agentes, a área será semelhante à do último ano nessas quatro praças, totalizando 7.207 hectares. Embora o resultado positivo da safra das águas tenha capitalizado bataticultores, havia pouca batata-semente disponível para o plantio. Além disso, o alto custo dos arrendamentos, devido a competição em área com os produtores de grãos, limitou um possível aumento da área cultivada de batata.

Produtividade segue satisfatória em Guarapuava e Água Doce

Até fevereiro, a colheita da safra das águas estava no ritmo considerado normal em Guarapuava (PR) e Água Doce (SC). Com alto nível tecnológico, as duas regiões não têm problemas fitossanitários e a produtividade segue próxima ao potencial de 40 t/ha. Mesmo com as chuvas que caíram em fevereiro, a qualidade dos tubérculos dessas duas praças continua superior à de outras regiões brasileiras. Em Guarapuava, 38% da área foi colhida até o final de fevereiro, com preço médio ponderado de R\$ 70,27/sc. Já em Água Doce, onde 31% da safra foi comercializada no mesmo período, o preço ao produtor foi de 73,16/sc. A colheita nas duas regiões deve se estender até o fim de maio.





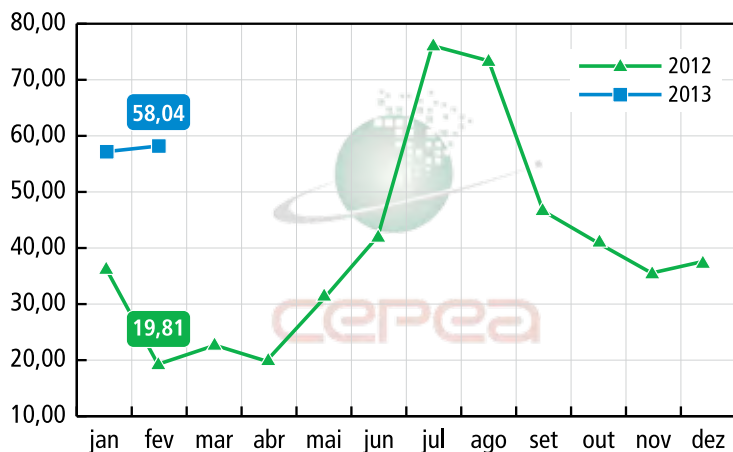
Produtores iniciam colheita da safra de inverno 2013

Cerca de 5% da área de inverno deve ser colhida em março

Começa em março a colheita de tomates das regiões que adotam o calendário da safra de inverno 2013. As praças de Araguari (MG), Sul de Minas, Paty do Alferes (RJ) e Norte do Paraná são as primeiras a ofertar o fruto em março. Juntas, estas praças devem colher, neste mês, cerca de 5% do total estimado para a temporada de inverno 2013. A partir de abril, será a vez de Mogi Guaçu e Sumaré (SP), Itaocara (RJ) e Pará de Minas (MG) iniciarem as atividades de inverno e, em maio, de São José de Ubá (RJ). Com os resultados positivos observados na safra de inverno de 2012, já era esperado que produtores aumentassem os investimentos na temporada de 2013. A área total cultivada na primeira parte da safra, no entanto, avançou apenas 5,4%, devido à limitação de área disponível e à falta de mão de obra. Além disso, alguns produtores não investiram fortemente, temendo que a oferta aumentasse e as cotações do fruto, caíssem. Quanto aos preços, a expectativa é de que fiquem inferiores aos do ano passado, principalmente no período de pico de safra (entre maio e junho), mas ainda superiores ao mínimo estimado para cobrir os custos de produção. Isso porque o clima no inverno deve ficar dentro dos padrões climatológicos (seco), o que deve elevar a produtividade nas lavouras em 2013.



Mesmo com pico de oferta, preço se sustenta em fevereiro



Preço se mantém elevado mesmo com pico

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea

Em fevereiro, cerca de 27% da área de tomate da safra de verão foi colhida nas regiões de Itapeva (SP) e de Caçador (SC). Na região paulista, produtores estimam que cerca de 5,4 milhões de pés de tomate foram colhidos no mês (o que corresponde a 24% da área da praça) e, na catarinense, 5,2 milhões de pés (40% da área de Caçador). Apesar da concentração da colheita de tomate em fevereiro, os preços do fruto continuaram elevados no período. Isso porque as chuvas que ocorreram nas principais regiões produtoras neste início de ano aumentaram a incidência de doenças bacterianas, reduzindo significativamente a produtividade das lavouras frente ao rendimento observado em janeiro. Dessa forma, praticamente não houve alteração no volume de frutos ofertados em fevereiro. Considerando-se a média das regiões, produtores receberam cerca de R\$ 47,82/cx de 22-25 kg de tomate salada 2A em fevereiro, ligeira alta de 6% em relação à de janeiro. Desde o início deste ano, o fruto tem se mantido em cotações atrativas, visto que, além das chuvas, a área total cultivada na temporada de verão 2012/13 é 17,5% menor frente à da safra 2011/12.

Produção destinada à indústria deve crescer

Segundo estimativas divulgadas em fevereiro pelo Conselho Mundial dos Processadores de Tomate (WPTC, na sigla em inglês), a produção brasileira de tomate rasteiro deve atingir 1,67 milhão de toneladas em 2013, volume 29% superior ao de 2012. Esse aumento na produção está atrelado à maior área cultivada em 2013, que pode chegar a 19.430 hectares no Brasil, caso as condições climáticas sejam favoráveis. Agentes do setor consultados pela equipe Hortifruti/Cepea comentam que os valores dos contratos das indústrias com os produtores seguiram nos mesmos patamares observados em 2012, em torno de US\$ 100,00 por tonelada – neste valor, ainda pode ser acrescida bonificação da indústria, dependendo da qualidade do tomate entregue.



MELANCIA OLÍMPIA

DESCUBRA PORQUE QUEM PLANTA ESTÁ COBERTO DE RAZÕES

A grande cobertura foliar da Melancia Olímpia traz alta produtividade e excelente qualidade dos frutos. Resultados que só quem planta pode colher.

- Alta proteção contra queimaduras do sol
- Maior capacidade fotossintética
- Brix mais elevado
- Frutos com maior qualidade e resistência ao transporte
- Maior facilidade de comercialização
- Muito mais produtividade

agrib



www.sakata.com.br
A sua janela para o campo



SAKATA



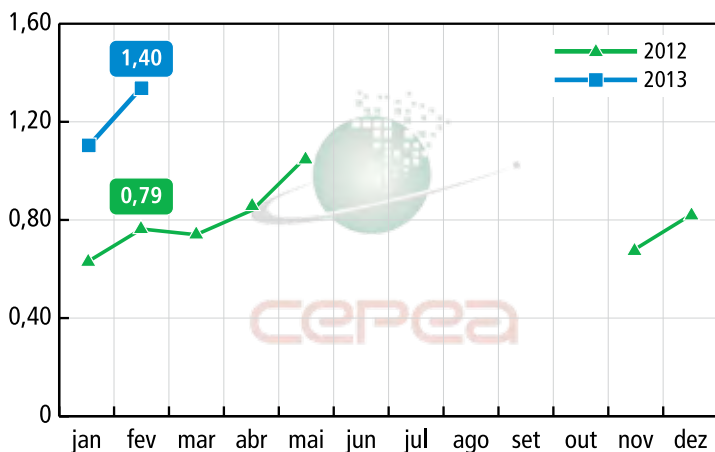
Preparativos para a safra 2013 avançam no Nordeste

Área em Irecê será maior em 2013

A colheita de cebola da temporada 2013 em Irecê (BA) deve começar em abril. A área a ser cultivada deve ser 10% maior nesta safra em relação à passada, uma vez que os resultados positivos em 2012 e, sobretudo, os elevados preços no início de 2013 permitiram esse aumento. Vale lembrar que o ano passado foi marcado pela redução de área, devido ao clima seco na região, e que, portanto, a praça baiana deve recuperar parte dessa área na safra 2013. O plantio foi iniciado na segunda quinzena de dezembro, sendo intensificado em fevereiro e março. O pico da colheita deve ocorrer em maio e junho. Nesta temporada 2013, mais de 95% da área total cultivada em Irecê deverá ser de cebola híbrida. No geral, houve boa adaptação desta variedade ao clima e ao solo – em 2012, a produtividade da híbrida foi 80% maior que a da IPA-11. Quanto ao clima, a média das chuvas no início deste ano esteve ligeiramente acima da considerada normal. Segundo a Somar Meteorologia, o volume de precipitação em janeiro somou 137 mm em Irecê, enquanto o esperado era de 106 mm. Esse cenário favoreceu a nova temporada, sobretudo para a variedade híbrida, que necessita de mais irrigação que a variedade IPA-11.

Vale do São Francisco tem leve aumento de área

Produtores do Vale do São Francisco iniciaram o plantio da safra de 2013 em janeiro. As ativi-



Preço sobe com baixa oferta no Sul

Preços médios recebidos por produtores de Ituporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg



Sul encerra temporada com bons resultados

Até o final de fevereiro, a comercialização de cebolas estava praticamente encerrada em São José do Norte (RS) e em Irati (PR). Ambas as praças, que aumentaram o cultivo das variedades superprecoce e precoce, iniciaram a temporada em novembro/12, visando não coincidir diretamente com a oferta de Ituporanga (SC), onde está a maior produção de bulbos do País. Produtores tanto de São José do Norte quanto de Irati tiveram dificuldades com relação ao calibre dos bulbos nessa safra, já que o tempo foi muito seco entre agosto e setembro, fase de desenvolvimento dos bulbos. Com isso, a proporção de caixa 2 na safra 2011/12 foi de 25%, quando o normal é de apenas 10% de toda a produção. Em Irati (PR), o preço médio na safra (de novembro/12 a fevereiro/13) foi de R\$ 0,91/kg na roça, valor 112% acima do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, que foi de R\$ 0,43/kg. Em São José do Norte, o valor médio da temporada foi de R\$ 0,92/kg na roça, 152% maior que o mínimo, de R\$ 0,37/kg.



Fonte: Cepepa



Produtores iniciam preparativos para safra de inverno

Semeio de inverno é iniciado em SP

Em março, produtores das regiões paulistas de Ibiúna e de Mogi das Cruzes começam a semear as mudas de alface da safra de inverno. Neste ano, apesar do recuo dos preços verificado em fevereiro, as cotações das folhosas ainda estão em patamares superiores aos da temporada anterior. Assim, a área plantada neste início da safra de inverno 2013 deve crescer frente à registrada no mesmo período da temporada de 2012. A possível maior oferta, por sua vez, pode fazer com que os preços caiam no início da colheita, entre maio e junho. Vale ressaltar, no entanto, que as condições climáticas nos próximos meses também devem influenciar a oferta de folhosas. Segundo a Somar Meteorologia, as chuvas devem ficar dentro ou acima da normal climatológica nessas praças produtoras de alface entre maio e junho.



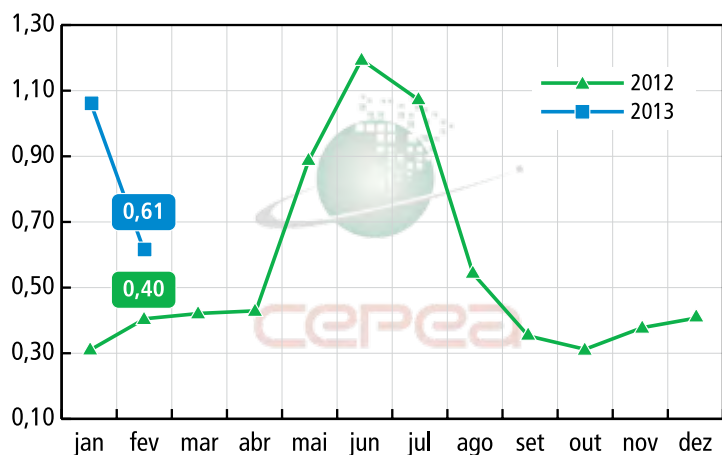
Oferta deve seguir elevada em março

A oferta de alface deve seguir elevada no mercado paulista em março, o que pode seguir pressionando as cotações da folhosa no período. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, os altos preços das folhosas verificados em janeiro estimularam o plantio de alface, resultando em maior oferta em fevereiro e também em março. Além disso, o menor volume de chuvas entre o final de janeiro e início de fevereiro favoreceu a produtividade das

lavouras. Para março, a Somar Meteorologia indica volume de chuvas dentro da normal climatológica nas praças produtoras de alface de São Paulo, o que deve seguir beneficiando a produtividade. Quanto aos preços, após iniciar o ano em alta, as cotações das folhosas caíram em fevereiro na Ceagesp. Além disso, especificamente na semana que antecedeu o carnaval (04/02 a 08/02), houve forte recuo nas vendas, pressionando ainda mais as cotações das folhosas no período. Assim, em fevereiro, a alface crespa foi comercializada no atacado paulistano, em média, a R\$ 14,17/cx de 24 unidades, com expressiva queda de 40% frente à de janeiro. Apesar do recuo dos preços, a média de fevereiro ainda foi 45% superior à do mesmo mês de 2012. A alface americana teve média de R\$ 14,15/cx de 18 unidades em fevereiro, 49% inferior à de janeiro/13, mas 8% acima da de fevereiro/12. Quanto à variedade lisa, foi comercializada no atacado paulistano, em média, a R\$ 14,69/cx de 24 unidades em fevereiro, queda de 38% em relação a janeiro, mas alta de 26% frente à de fevereiro do ano passado.

Volume de chuva em março deve ficar dentro da média histórica

O volume de chuvas em março nas regiões paulistas produtoras de alface deve ficar dentro na normal climatológica para o período, segundo previsões da Somar Meteorologia. A média histórica na praça de Ibiúna é de 158 mm e na de Mogi das Cruzes, de 198 mm. Assim, produtores não devem registrar grandes problemas com doenças fúngicas e bacterianas no mês, o que cria a expectativa de boa produtividade para as lavouras. Em fevereiro, o clima nas regiões paulistas de Ibiúna e de Mogi das Cruzes foi de pancadas de chuva e bastante sol, diferente do observado em janeiro, quando foram registradas precipitações volumosas. O menor volume de chuvas em fevereiro acabou favorecendo a qualidade das folhosas e, conseqüentemente, elevando a oferta de alfases. Por outro lado, na região de Mogi das Cruzes, produtores relataram chuva de granizo em fevereiro, o que danificou pequena parte da produção da região.



Preços caem com elevada oferta

Preços médios de venda da alface crespa no atacado de São Paulo - R\$/unidade



Fonte: Cepea





Chuvas do início do ano reduzem produtividade em MG

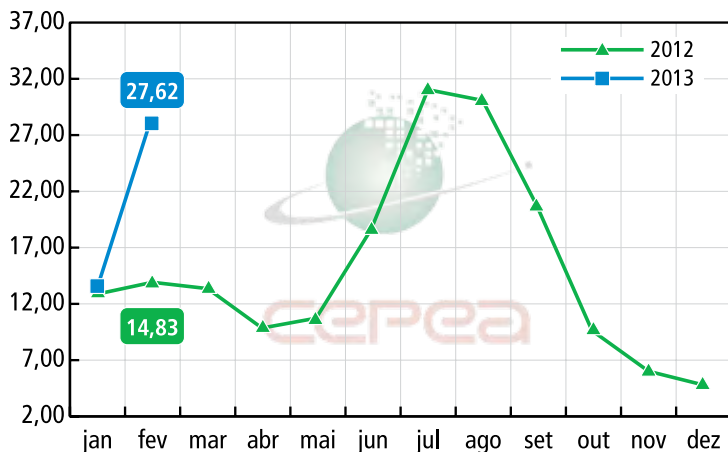
Menor oferta eleva preço em MG

A oferta de cenoura da safra de verão foi menor em fevereiro nas praças mineiras de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba. Esse cenário impulsionou as cotações da cenoura no período. A média da caixa "suja" de 29 kg foi de R\$ 27,62 em fevereiro, forte alta de 106% frente à de janeiro. A menor disponibilidade da raiz na região mineira esteve atrelada às chuvas volumosas verificadas no início deste ano, que acabaram prejudicando a produtividade das lavouras – em fevereiro, a média foi de 42 t/ha. Segundo a Somar Meteorologia, a soma do volume de precipitações em janeiro e fevereiro em São Gotardo foi de 444 mm, que é considerado dentro da normal climatológica do período. As precipitações também reduziram a qualidade da cenoura, fazendo com que houvesse grande descarte de raízes. Mesmo assim, de acordo com estimativas de produtores, nos dois primeiros meses da temporada de verão (janeiro e fevereiro), cerca de 30% da área total da safra de Minas Gerais foi colhida, dentro do calendário da região.



Clima úmido aumenta descarte de raiz em PR e GO

O excesso de chuvas desde o início deste ano tem prejudicado as lavouras do Paraná e de Goiás. Segundo a Somar Meteorologia, somente em feve-



Preço dispara em fevereiro com chuva nas roças

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

reiro, o volume de precipitação foi de 250 mm no Paraná (43% acima da média para o período) e de 278 mm em Goiás (46% acima da média). Dessa forma, o clima úmido prejudicou o desenvolvimento da cenoura, ocasionando bifurcação na raiz. Assim, segundo relatos de produtores, a quantidade de cenoura descartada foi elevada nas praças de Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia (PR) e de Cristalina (GO). Nesse cenário, a oferta de raiz foi reduzida em fevereiro, mas a demanda seguiu firme, impulsionando as cotações da cenoura. No mês passado, a média da caixa "suja" de 29 kg da cenoura da safra de verão foi de R\$ 27,08 no Paraná e de R\$ 28,57 em Goiás, 47% e 120%, respectivamente, superior às médias de janeiro. Para os próximos meses, a oferta deve seguir reduzida, já que as chuvas deste início de ano também dificultaram o plantio da raiz.

Safra de inverno no RS é finalizada

A safra de inverno 2012/13 foi encerrada no final de fevereiro em praticamente todas as praças do Rio Grande do Sul, conforme o planejado. No total da temporada, foram cultivados 1.350 hectares, mesma área da safra de inverno 2011/12. Produtores gaúchos foram beneficiados com o clima favorável (chuvas bem distribuídas e temperaturas amenas) ao longo da safra, e ficaram satisfeitos com a boa produtividade obtida, de 57 t/ha na média da temporada (de julho/12 a fevereiro/13). Quanto aos preços, considerando-se as praças de Caxias do Sul, Antônio Prado e Vacaria (RS), a média da cenoura na safra foi de R\$ 19,75/cx de 29 kg, valor 120% superior ao custo médio estimado para cobrir os gastos com a cultura. Quando comparado com a safra 2011/12, o valor recebido pelos produtores gaúchos na safra 2012/13 foi 48% maior. Com relação à safra de verão da região gaúcha, a colheita teve início em meados de fevereiro/13 e segue até a primeira quinzena de julho. As estimativas de produtores são de que a área cultivada no Rio Grande do Sul na safra de verão seja estável frente à temporada 2011/12, ou seja, 650 hectares.

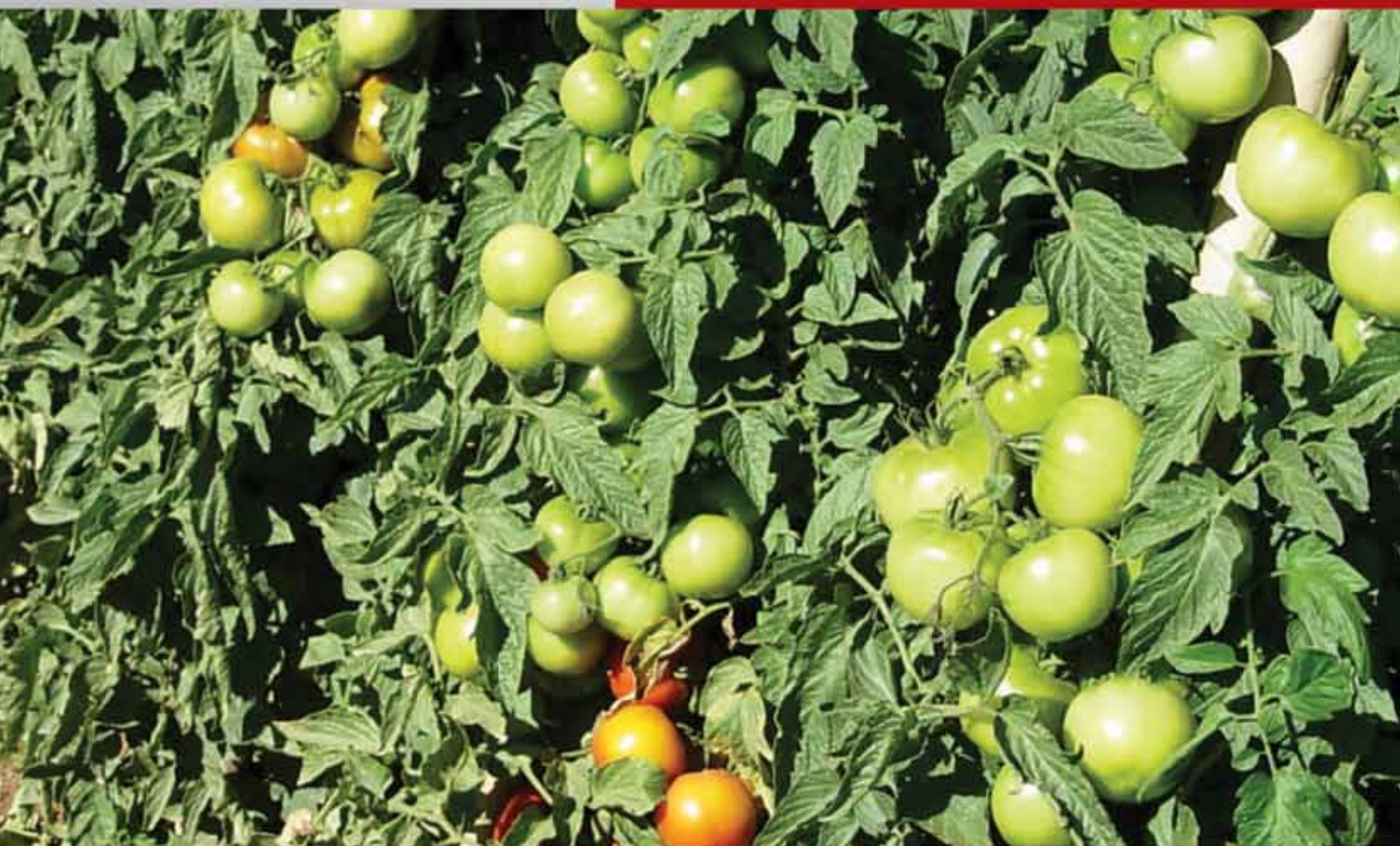


Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA CENOURA
Cadastre-se e receba preços semanais de cenoura.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade

Distribuidor  no Brasil
agora é **Blueseeds.**

Fresco



**Blueseeds**



Vale intensifica cultivo em março

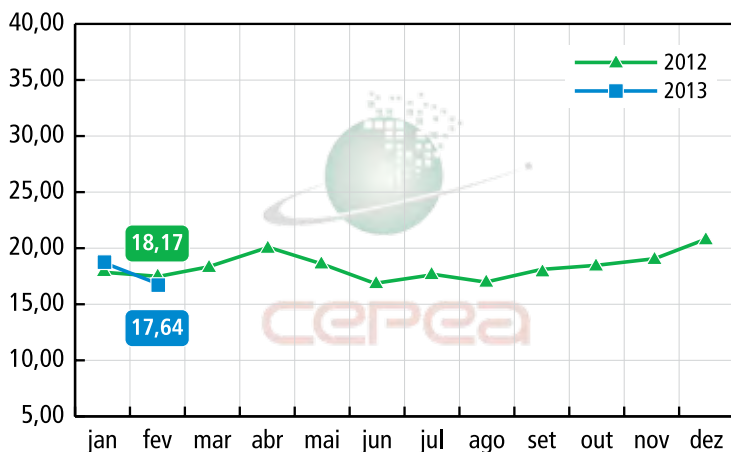
Visando ofertar até julho, plantio é intensificado no Vale

Produtores do Vale do São Francisco (BA/PE) intensificam, em março, o cultivo de melão, com a finalidade de ofertar a fruta no mercado doméstico entre abril e julho. Nesse período (de abril a julho), cerca de 2.000 hectares devem ser colhidos e outros 500 mil hectares, no restante do ano. Quanto ao clima, a previsão é de temperaturas elevadas e de volume de chuva abaixo do normal para o trimestre março-maio, o que pode favorecer a produtividade dos meloeiros do Vale. Caso esse contexto se confirme, o volume ofertado pela região deve ser maior, o que pode pressionar as cotações do melão. Outro fator que pode influenciar os valores da fruta do Vale é a possibilidade de produtores do Rio Grande do Norte/Ceará cultivarem maior área nos próximos meses, mesmo sendo período de entressafra. No geral, a rentabilidade de produtores do Vale acaba sendo definida de abril a julho, quando a disponibilidade da fruta é maior.



Saldo parcial da safra 12/13 é positivo no RN/CE

A safra 2012/13 do Rio Grande do Norte/Ceará está terminando, e produtores já avaliam o desempenho da cultura no mercado interno. De agosto/12 até fevereiro/13, a rentabilidade por unidade de comercialização foi positiva. Nesse período, o preço médio do melão amarelo foi de R\$ 16,94 /cx



Oferta elevada e pouca demanda reduzem preço

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea

de 13 kg, 8% superior ao valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Com a oferta mais controlada na região RN/CE, os preços estiveram também um pouco maiores frente aos do mesmo período da safra 2011/12. Em contrapartida, os custos por caixa de 13 kg também tiveram aumento em alguns meses da temporada 2012/13, o que acabou impedindo ganhos ainda maiores. No final de 2012, por exemplo, a falta de chuva reduziu a produtividade – houve maior incidência de pragas e a água utilizada para irrigação ficou mais salina. Em fevereiro, a disponibilidade da fruta no mercado nacional foi elevada, tanto de melão amarelo quanto de nobres, sobretudo o orange. Nos próximos meses, parte dos melonicultores potiguaras e cearenses ainda vai cultivar a fruta no período típico de entressafra – abril a julho –, justamente quando aumenta a oferta do Vale. Assim, a rentabilidade de produtores do RN/CE pode ser limitada.

Ao contrário do esperado, exportação se mantém firme no final safra

As exportações brasileiras de melão da safra 2012/13 estão praticamente finalizadas – o encerramento oficial ocorre em março. Os embarques estiveram firmes até janeiro/13 – a aposta era de que o volume recuasse, devido à seca no RN/CE, que limitou a produtividade. Em janeiro/13, foram embarcadas 28 mil toneladas de melão, volume praticamente estável frente ao de dezembro/12. Já em fevereiro/13, os envios começaram a recuar, totalizando 17 mil toneladas, 38% a menos que em janeiro. No acumulado da safra 2012/13 (de agosto/12 a janeiro/13), o Brasil exportou 174 mil toneladas, 2% abaixo da quantidade da temporada anterior. A receita somou US\$ 132 milhões no acumulado da safra, praticamente estável frente a passada. Com o encerramento das exportações brasileiras, o mercado europeu passa a ser abastecido por países da América Central, como Costa Rica e Honduras. Os embarques desses países já iniciaram no final de 2012, mas devem ser intensificados a partir de março/13. A oferta desses países deve seguir até abril/maio, quando a fruta da Espanha entra no mercado.

SEÇÃO ELETRÔNICA MELÃO
Cadastre-se e receba preços semanais de melão.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



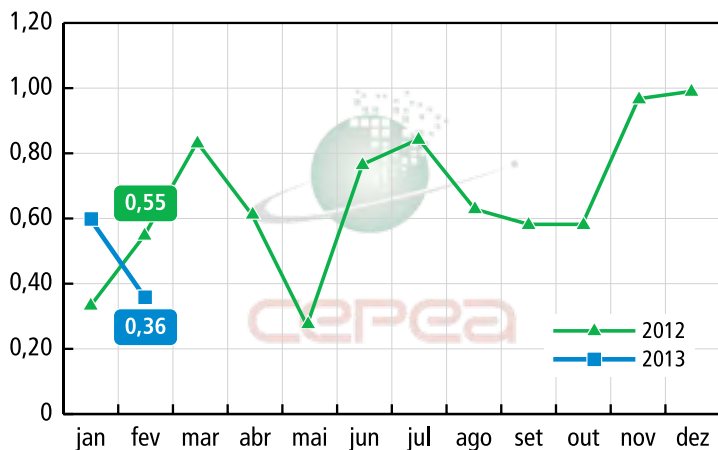
Oferta deve recuar a partir de março

Amadurecimento antecipado pode limitar oferta

A disponibilidade de mamão, que estava elevada desde o final de 2012, deve diminuir a partir das primeiras semanas de março. O clima quente e seco nas principais regiões produtoras nos últimos meses fez com que a fruta amadurecesse mais rápido. Assim, uma parcela da produção foi colhida antes do período previsto. Dessa forma, a oferta da fruta esteve bastante elevada nos dois primeiros meses do ano. Por outro lado, como consequência da maturação antecipada, a quantidade de mamão que será colhida em março deve ser menor. Essa diminuição na disponibilidade, somada ao aumento na demanda pode contribuir para a recuperação das cotações.

Em fevereiro, formosa tem menor preço desde out/10

Desde dezembro/12, a cotação de formosa tem registrado quedas consecutivas, devido à maior disponibilidade da fruta na Ceagesp. Na terceira semana de fevereiro, a cotação média do formosa foi de R\$ 5,83/cx de 13 kg, a menor em termos nominais desde outubro/10. Os preços recebidos por produtores também estiveram reduzidos. Os motivos foram a demanda desaquecida e a disponibilidade elevada da fruta em janeiro e fevereiro. Para março, as expectativas são de que os preços do formosa estejam mais favoráveis a produtores.



Preço do formosa despensa com alta oferta

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão formosa - R\$/kg (exceto região de RN)

Clima quente e seco pode elevar incidência de mancha fisiológica

Nos meses mais quentes do ano, produtores ficam atentos à qualidade do mamão, sobretudo à incidência da mancha fisiológica. De modo geral, até o início de março, a qualidade tem sido considerada satisfatória; mas, se o clima quente e seco persistir, a fruta pode perder valor comercial. Isso porque esse ambiente é propício ao ataque de ácaros que acarretam em queda das folhas do mamoeiro. De acordo com agentes, já há incidência de ácaros em algumas roças nas regiões de Linhares (ES) e Norte de Minas Gerais. Assim, com maior incidência dos raios solares e baixa umidade, o fruto desenvolve a mancha fisiológica. Além disso, as elevadas temperaturas e o baixo volume de chuvas podem resultar em frutos de menor calibre, que reduzem o preço no mercado. Se atingir grandes proporções, o cenário de perda de qualidade e redução de calibre pode limitar a valorização do mamão em março.



Exportação inicia lenta, mas aquece em fevereiro

Os envios de mamão ao mercado externo iniciaram 2013 em ritmo lento, apesar da oferta elevada e dos baixos preços internos. Em janeiro/13, as exportações brasileiras foram 5% inferiores em relação ao mesmo período do ano passado, segundo a Secex. Contudo, em fevereiro, os embarques aqueceram levemente, registrando volume 32% maior que o do mesmo mês de 2012. No acumulado do ano (janeiro e fevereiro), as exportações de mamão totalizaram 4,3 mil toneladas, aumento de 11% frente ao mesmo período do ano passado. Em receita, exportadores brasileiros receberam US\$ 6,2 milhões, 19% a mais na mesma comparação. Boa parte dos exportadores espera que as vendas externas continuem aquecendo em março. Um problema que tem limitado o aumento nas exportações, segundo agentes, é a dificuldade de produtores brasileiros em se adequarem às normas fitossanitárias exigidas.



Fonte: Cepea





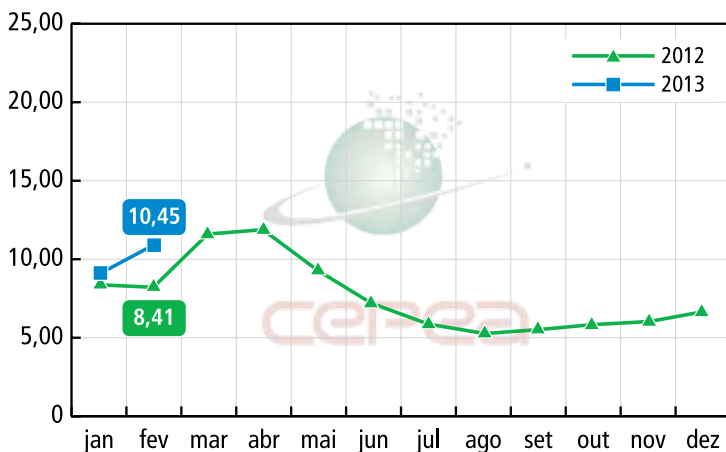
Prorrogação da LEC pode amenizar cenário de altos estoques de suco

Com estoques elevados, 2013/14 pode requerer renovação da LEC

O estoque global de suco de laranja brasileiro (até o final de dezembro/12) referente à safra 2012/13 é elevado – 1,144 milhão de toneladas em equivalente concentrado, segundo a CitrusBR. Esse volume dá indícios de que o estoque de passagem (junho/13) também deve ser elevado. A renovação da Linha Especial de Crédito (LEC) traria alívio ao setor, caso implique no carregamento dos estoques até julho/14. Aliado à política da LEC, isso estimularia a indústria a comprar mais laranja, favorecendo principalmente citricultores se for condicionado à compra de laranja conforme a política de preço mínimo. Quanto às previsões da safra 2013/14, a CitrusBR divulgou, em fevereiro, estimativa preliminar de 281 milhões de caixas de 40,8 kg (São Paulo e Triângulo Mineiro). A redução ficou acima do esperado, já que notícias indicavam produção em torno de 300 milhões.

Pepero é cancelado por suspeita de irregularidade

Em 2013, ocorreu apenas um leilão de Pepero, no dia 31 de janeiro. Com a suspeita de ter havido irregularidades, novas operações foram canceladas, pelo menos até o início de março. O primeiro leilão frustrou citricultores, que aceleraram a colheita da fruta em janeiro contando com o subsídio. Muitos não puderam participar, visto que o prêmio ficou em apenas R\$ 4,001/cx



Pera valoriza 17% em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

de 40,8 kg, sendo necessário comprovar venda às indústrias acima de R\$ 6,009/cx.

Pera rio de qualidade atinge máxima de R\$ 20/cx no início de março

A demanda pela pera rio temporã no início de março está aquecida, sobretudo para as frutas de qualidade. A menor oferta de frutas de alto padrão permitiu que produtores negociassem as melhores laranjas ao teto de R\$ 20,00/cx de 40,8 kg, na árvore. Vale lembrar que, com a baixa remuneração das últimas temporadas, poucos produtores fizeram os tratamentos culturais adequados para as temporadas, o que tem resultado em baixa oferta de frutas de qualidade.



Pico de safra de tahiti deve aumentar entregas na indústria

A safra de lima ácida tahiti estará em pleno pico de colheita em março no estado de São Paulo. Assim, produtores devem destinar parte da produção ao processamento industrial. Apesar de o preço pago pela fruta em fevereiro (R\$ 6,00/cx de 40,8 kg, posta em Matão/SP) ter ficado abaixo da remuneração do mercado *in natura*, o segmento industrial foi uma opção de escoamento. Em fevereiro, a média do preço no mercado de mesa foi de R\$ 4,42/cx de 27,2 kg.

Aumento das vendas e menor safra nos EUA podem favorecer suco brasileiro

As vendas de suco de laranja no varejo norte-americano aumentaram em janeiro, ao mesmo tempo em que a safra da Flórida tem reduzido (em março, foi estimada em 139 mi/cxs). Nesse cenário, as importações de suco do Brasil podem crescer. Segundo dados da Secex, de julho/12 a fevereiro/13, o Brasil exportou quase 162 mil toneladas de suco (em equivalente concentrado) aos EUA, volume 15% superior ao do mesmo período da safra passada. Em receita, o aumento é de apenas 3%.



Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA CITROS
Cadastre-se e receba preços semanais de citros.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



Volume importado pelo Brasil cai em janeiro

Brasil reduz compra na Argentina, mas aumenta no Chile

O ritmo de importação de uvas frescas está lento neste início de 2013, o que já era esperado pelo setor, devido à redução das compras da fruta na Argentina. Em janeiro/fevereiro, o Brasil importou 3,5 mil toneladas de uva da Argentina, volume 22% inferior ao do mesmo período/12. A diminuição das compras no país vizinho se deve à baixa qualidade da uva argentina, por conta da fumigação mal sucedida. Já quanto ao Chile, o volume importado nos dois primeiros meses do ano foi de 2,8 mil toneladas, quantidade 1,2% maior que a do mesmo período de 2012. Além de o Chile ter aproveitado o espaço deixado pela Argentina, o Brasil tem vantagens logísticas e menor exigência em relação aos grandes compradores mundiais (Estados Unidos e Europa). Quanto ao volume total importado em janeiro e fevereiro pelo Brasil foi 12,5% inferior ao do mesmo período de 2012. Caso as compras externas continuem desaquecidas, produtores nacionais que ofertam uva podem se favorecer.

Produtores de Pirapora e de Jales intensificam podas

Em março, produtores das regiões de Pirapora (MG) e de Jales (SP) devem intensificar as podas de produção, visando colher a fruta partir de junho/julho. Em algumas propriedades, as podas já foram iniciadas em fevereiro. De modo geral, o clima tem sido benéfico nessas praças. No período de madu-

ração dos ramos, que iniciou em outubro e seguiu até janeiro, as chuvas não foram contínuas e as temperaturas estiveram altas, o que favoreceu esse processo. Durante as podas, produtores devem seguir atentos ao clima. Em março, previsões indicam chuvas acima da normal climatológica. Até o fechamento desta edição, não havia sido reportado incidências de fitopatologias em Pirapora e em Jales.

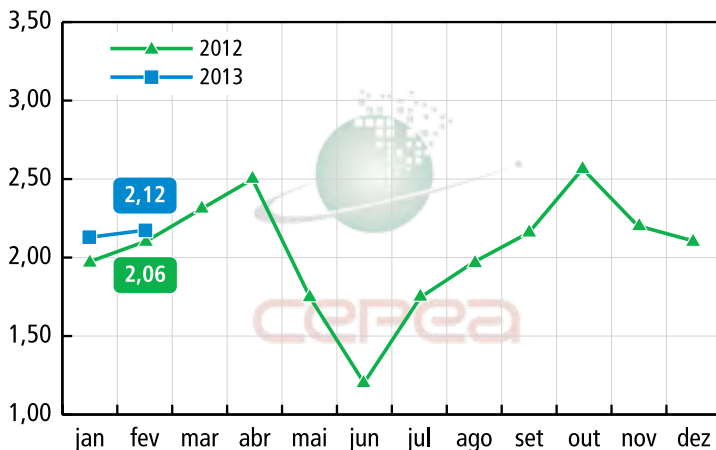


Chuva prejudica qualidade de uva de São Miguel Arcanjo e de Pilar do Sul

O maior índice de chuvas tem preocupado produtores de São Miguel Arcanjo e de Pilar do Sul (SP). Em março, há previsão de que as chuvas continuem acima do normal. A umidade observada até fevereiro já danificou a qualidade de parte dos frutos que ainda estavam nos parreirais. Outro fator que preocupou produtores em fevereiro foi a incidência da praga tripses, que deprecia a qualidade da uva. Assim, produtores paulistas têm aumentado as pulverizações, o que deve elevar os gastos com defensivos. Ambas as regiões, as principais a ofertar uva neste início de ano, estão em plena colheita.

Clima favorece produção paulista, mas prejudica a paranaense

Produtores da região de Louveira/Indaiatuba (SP) estão com boas expectativas quanto à safra de uva niagara temporã de 2013, cuja colheita inicia-se em abril. Isso porque o clima tem sido favorável à produção. Em relação às regiões produtoras de uvas de mesa do Paraná, a safra temporã de 2013 também deve ser colhida a partir de abril, mas muitos viticultores se mostram preocupados. Isso porque o elevado volume de chuva entre janeiro e fevereiro prejudicou a qualidade das bagas nas regiões de Marialva, Rosário do Ivaí e no norte do estado. Também foi verificado casos de míldio, que afeta o desenvolvimento do fruto. Nesse cenário, há receio de que esta próxima safra paranaense seja marcada por maior custo de produção e qualidade abaixo da ideal.



Menor oferta eleva preço da Itália em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg



Fonte: Cepeca

SEÇÃO ELETRÔNICA UVA
Cadastre-se e receba preços semanais de uva.
www.cepeca.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



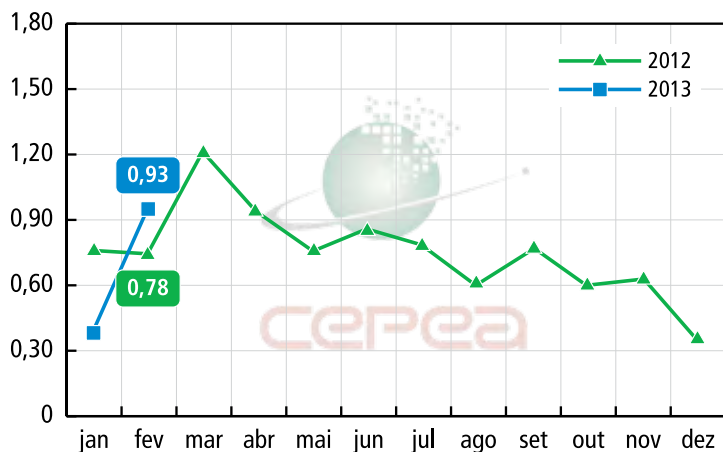
Agora é a vez de o Norte de MG ofertar manga

Produção pode ser boa na região mineira

Mangicultores do Norte de Minas Gerais devem voltar a produzir bons volumes da fruta em março. A principal variedade colhida é a *palmer*, mas também haverá oferta de *tommy*. De modo geral, agentes esperam que a quantidade de frutos disponível em março seja satisfatória. As primeiras frutas são provenientes da floração que ocorreu entre outubro e novembro/12 e, apesar da temperatura elevada naqueles meses, a produção não foi prejudicada. Em fevereiro deste ano, os frutos estavam em fase final de desenvolvimento e não apresentavam problemas de qualidade. Durante o período de maior colheita, a região deve ser a única a disponibilizar bons volumes de *palmer* e, com menor oferta nacional, a fruta pode se valorizar. Vale lembrar que, em março, a colheita em Monte Alto e Taquaritinga (SP) termina. Além disso, mangicultores de Livramento de Nossa Senhora (BA) reduziram o ritmo da colheita. Assim, o principal polo produtor a concorrer com o Norte de MG será o Vale do São Francisco, mas esta região tem maior produção de *tommy*.

Safra paulista de *palmer* é positiva, mas abaixo de 2011/12

A colheita de manga *palmer* em Monte Alto e Taquaritinga (SP) da safra 2012/13 deve se encerrar definitivamente em março. Muitos produtores já concluíram as atividades em fevereiro. A produção



Preço sobe com menor oferta em SP e Vale

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins*- R\$/kg



Fonte: Cepea

da variedade foi elevada na região, devido ao clima favorável desde o período de floração. Com a oferta elevada, os preços estiveram em patamares considerados baixos por produtores, apesar de terem ficado acima das estimativas de custo. Nos meses de maior oferta (dezembro/12 a fevereiro/13), os preços da *palmer* tiveram média de R\$ 0,34/kg, cerca de 46% acima do valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos. Essa cotação, entretanto, esteve 19% inferior à do mesmo período da safra passada. A região paulista voltará a ofertar manga apenas em novembro.



Valparaíso e Mirandópolis encerram colheita em fevereiro

As regiões paulistas de Valparaíso e Mirandópolis finalizaram a colheita de manga no mês passado. As principais variedades ofertadas foram *hadden*, *palmer* e *parvin*, principalmente embaladas. No geral, produtores locais avaliaram a safra como razoável. Isso porque, apesar do bom volume produzido, a qualidade da fruta foi prejudicada pela chuva abundante. O mês de maior índice pluviométrico foi fevereiro, de acordo com a Somar Meteorologia. Naquele mês, produtores registraram maior incidência de antracnose. Daqui para frente, produtores realizam tratamentos culturais para a próxima temporada.

Preços da *tommy* em alta neste início de ano

A cotação da variedade *tommy* pode se manter em elevação até meados de abril, período em que o Vale do São Francisco (BA/PE) intensifica a oferta. Em fevereiro, a média da manga *tommy* no Vale foi de R\$ 0,93/kg, quase 170% maior se comparada à de janeiro. Esse valor foi, ainda, 19,6% superior ao observado em fevereiro do ano passado. Os principais motivos para o cenário de alta são a oferta reduzida desta variedade e a procura firme. No início de 2012, além da oferta do próprio Vale do São Francisco, o volume colhido na região de Livramento de Nossa Senhora era maior.





Cotações da nanica podem subir com redução na oferta

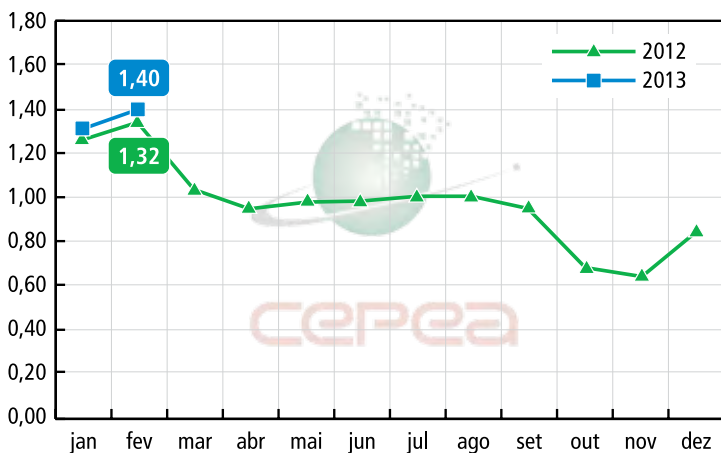
Em março, a oferta de nanica deve diminuir ainda mais nas principais regiões produtoras, mesmo cenário observado em fevereiro. A disponibilidade da variedade estava elevada desde setembro/12 e, nos meses de pico de oferta, os preços estiveram bastante reduzidos. Além disso, houve perda de quase 40% da produção em Santa Catarina, devido ao excesso de oferta nas roças. Apesar do cenário baixista, nas regiões de Bom Jesus da Lapa (BA), Norte de Minas Gerais e Vale do Ribeira (SP), os preços recebidos por produtores ainda superaram as estimativas de custo de produção. Nessas regiões, a cotação da fruta já estava em patamares um pouco mais elevados em fevereiro. Já em Santa Catarina, os preços ainda estavam em recuperação. No mês passado, a alta foi de 18% em relação a janeiro, com a nanica cotada a R\$ 0,13/kg – preço ainda considerado insuficiente por produtores para cobrir os custos e recuperar os prejuízos de meses anteriores. Para março, além da melhora nas cotações, agentes esperam que a comercialização esteja mais aquecida com a efetiva volta às aulas.

Disponibilidade de nanica diminui no Brasil



Baixa produtividade limita ganhos com vendas de prata

A receita do produtor obtida com a comercialização de banana prata poderia ter sido maior no final de fevereiro, visto que os preços estavam



em patamares bastante elevados nesse período. No entanto, com a escassez da fruta nas roças, os lucros estão limitados. O Norte de Minas se destaca como maior produtor de banana prata do País. Porém, até mesmo nesta região, a baixa oferta impede que produtores aproveitem as maiores cotações. O volume de banana prata começou a se reduzir em dezembro/12 e já em janeiro/13 a fruta começou a faltar nas principais regiões produtoras (Vale do Ribeira/SP, Bom Jesus da Lapa/BA, Norte de Minas Gerais e Santa Catarina). Com a disponibilidade reduzida, produtores não conseguiram atender a todos os pedidos, sendo necessário o cancelamento de muitos deles. A expectativa inicial era de que a oferta voltasse a aumentar já em março. Com o clima bastante seco, entretanto, a nova previsão é de que o volume de prata aumente apenas em maio, e ainda de forma moderada.

Exportações para Mercosul avançam nos últimos meses

As exportações brasileiras de banana para o Mercosul normalmente são maiores de outubro a março em comparação com outros meses do ano, e neste bloco, a Argentina é o maior comprador. De outubro/12 a fevereiro/13, os envios ao Mercosul tiveram avanço expressivo, devido à maior oferta no Norte de Santa Catarina. De acordo com dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior), as exportações nesses meses totalizaram 27,8 mil toneladas, volume 34% superior frente ao do mesmo período de 2011/2012. Já a receita foi de US\$ 6,5 milhões, alta de apenas 8% na mesma comparação. O acréscimo em volume não foi maior porque, no ano passado, a Argentina impôs restrições à importação de banana, não só do Brasil como também de outros países, com o objetivo de impulsionar a produção local no médio prazo. De acordo com dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Pesca da Argentina, o país vizinho adquire volumes ainda mais expressivos da fruta do Equador e da Bolívia. Além disso, em alguns meses, houve dificuldade de se encontrar caminhões no Norte de SC para realizar o transporte.



Preço sobe MG com baixa oferta

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/kg

Fonte: Cepea





Começa colheita de fuji no Sul

Fuji pode apresentar boa qualidade

A colheita da maçã fuji deve começar em março nas regiões de Vacaria (RS) e Fraiburgo (SC). Já em São Joaquim (SC), maior produtor dessa variedade, as atividades devem ocorrer entre o final de março e maio. Até o fechamento desta edição, no início de março, ainda havia incertezas sobre o volume total a ser produzido, que tem relação direta com o tamanho da maçã. Inicialmente, a aposta era de que o calibre da fuji fosse predominantemente miúdo e médio, como o da gala. Porém, o retorno das chuvas em janeiro e fevereiro beneficiou o desenvolvimento da fruta. Em relação à qualidade, produtores relatam que deve ser superior à da temporada passada, principalmente quanto à aparência da casca e pressão de polpa. Em fevereiro foram comercializados os primeiros volumes de fuji de Caxias do Sul (RS) e, segundo atacadistas, a qualidade estava satisfatória.

Frutas menores podem predominar na safra de gala

A colheita de gala deve finalizar em março nas regiões de Vacaria (RS) e Fraiburgo (SC). Já em São Joaquim (SC), a colheita termina apenas no começo de abril. A temporada atual tem sido caracterizada por gala de tamanho reduzido. Isso porque, na etapa de crescimento da polpa, em dezembro, houve escassez de chuvas. Dessa forma, a oferta de frutos pequenos deve ser elevada, o que pode pressionar as cotações. As frutas graúdas, por sua vez, poderão

ser mais valorizadas. Vale lembrar que consumidores do Sul e do Sudeste preferem a graúda.

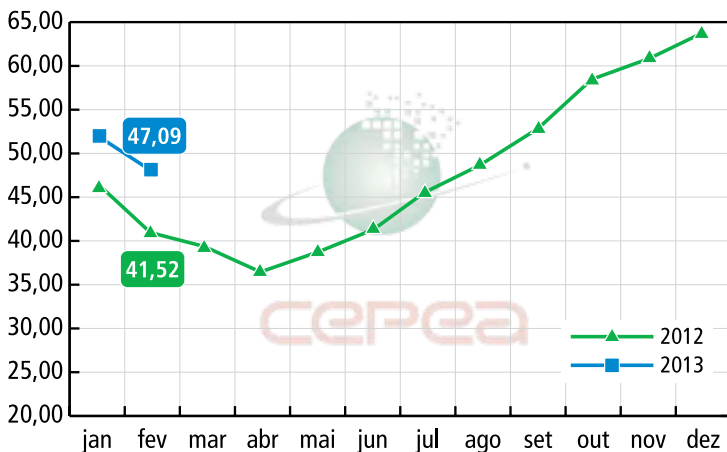


Com colheita a todo vapor no Brasil, importações diminuem

Neste início de ano, as importações de maçã estão em ritmo relativamente lento, visto que o Sul do Brasil está em plena colheita. De acordo com dados da Secex, em janeiro/fevereiro deste ano foram importadas 2,8 mil toneladas de maçãs da Argentina, recuo de 8,8% frente ao mesmo período do ano anterior. Em comparação com a média de cinco anos anteriores (2008 a 2012), as compras brasileiras em janeiro/fevereiro foram 41% menores. Já do Chile, o volume foi inexpressivo: apenas 196 toneladas nos dois primeiros meses de 2013. A importação de maçã tende a aumentar a partir de março. Porém, volumes mais significativos serão observados na segunda metade do ano, quando a oferta nacional mais controlada abre espaço para a importação.

Boas perspectivas para exportação em 2013

As exportações brasileiras começaram em fevereiro e devem ser intensificados em março. Para esta temporada, exportadores apostam que os embarques superem os de 2012. Entre os motivos se destaca o de que, em janeiro/13, os estoques no bloco europeu de gala e fuji estavam quase 30% menores que o mesmo período de 2012, segundo a Associação Mundial de Maçã e Pera (Wapa). Além disso, a produção do Chile, um dos principais concorrentes do Brasil, poderá ser 7% menor frente à de 2012, também conforme a Wapa. Já no Brasil, a maior qualidade da maçã nacional também pode favorecer a exportação. Ainda assim, é cedo para confirmar que os envios brasileiros possam recuperar os níveis observados entre 2007 e 2009, de cerca de 100 mil toneladas. Isso porque a Europa demanda frutas graúdas, e a atratividade do mercado interno para maçãs maiores pode limitar os embarques.



Oferta elevada e baixa demanda pressionam preço

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepepa





ENTREVISTA: Sr. José Roberto Prado

“FAZEMOS TODO UM PLANEJAMENTO PARA QUE A COLHEITA OCORRA SEM CHUVA”

José Roberto Prado é economista e diretor comercial da Itauera Agropecuária S/A. A empresa produz o melão Rei, conhecido como o “melão de redinha”, com plantações nos estados do Ceará, Piauí e Bahia.

Hortifruti Brasil: A produção de melão da Itauera está distribuída entre três estados do Nordeste. O que é priorizado no planejamento de cultivo dessas áreas?

José Roberto Prado: A Itauera começou a produzir melão no ano 2000, com oito hectares no Ceará. Depois, investimos no Piauí e na Bahia, e hoje temos mais de 2.000 hectares de melão na soma dos três estados. Fazemos todo um planejamento para que a

“Continuaria investindo na região Nordeste, pelas condições de fotoperíodo, solo, clima e irrigação, que favorecem o cultivo de frutas, e também pela proximidade com portos para a exportação.”

colheita ocorra sem chuva: colhemos de agosto a janeiro no Ceará, depois de fevereiro a maio na Bahia e de maio a agosto no Piauí. No Piauí e na Bahia, somos praticamente os únicos na produção de melão.

HF Brasil: Para onde é enviada a fruta? Como o senhor avalia a logística para escoar sua produção?

Prado: A produção da Itauera é escoada para todo o País e também para os Estados Unidos, Canadá, Holanda, Espanha e Itália. A empresa conta com logística própria e, apesar das dificuldades enfrentadas no País, como estradas em más condições e sistema

portuário deficitário, nossa distribuição ocorre sem grandes problemas. Porém, para estados do Norte, mesmo sendo relativamente próximos, a comercialização é mais complicada. Para Manaus, por exemplo, é necessário viajar por rios. Também não atendemos diretamente Tocantins, Acre e Rondônia. No restante do Brasil, o transporte é rodoviário. Passamos por todos os estados até o Sul.

HF Brasil: Qual é o impacto do clima na produção do melão no Nordeste? Em que período é favorável à produção e quando traz empecilhos?

Prado: A produção de melão necessita de tempo firme na colheita. Assim, planejando a produção em três estados (Bahia, Ceará e Piauí) para que a colheita ocorra no período sem chuva, a empresa consegue comercializar melão durante todo o ano.

HF Brasil: A Itauera é uma das pioneiras na produção de melão no Piauí, estado onde tem se ampliado também a produção de grãos. Quais são as condições de infraestrutura para se implantar um projeto de fruticultura naquele estado? Como é a logística de escoamento?

Prado: Para falar a verdade, o solo do Piauí é o pior que já encontrei. O clima oscila muito no mesmo dia, o que gera forte estresse à planta. As condições da rodovia BR 020, que liga o Ceará ao sul do Piauí, são ruins, o que encarece o frete. Fomos investir no Piauí justamente para fugir do período de chuva, e o melhor período para se cultivar o melão no estado é de maio a agosto.

HF Brasil: Que região do Brasil o senhor escolheria para fazer novos investimentos em fruticultura? Por quê?

Prado: Continuaria investindo na região Nordeste, pelas condições de fotoperíodo, solo, clima e irriga-

ção, que favorecem o cultivo de frutas, e também pela proximidade com portos para a exportação.

HF Brasil: Quais suas perspectivas sobre a produção de hortifrutícolas no Nordeste? O senhor acha que deve seguir em expansão ou novas áreas do Brasil serão mais atrativas?

Prado: A região Nordeste ainda tem muito que crescer em competitividade. Precisamos melhorar o sistema de escoamento, principalmente pela re-

dução dos custos portuários. Além disso, há uma dificuldade burocrática que atrasa o registro de novas moléculas para uso nas lavouras de frutas no Brasil. Esta dificuldade prejudica a competitividade do produto nacional frente à de países onde esse sistema é mais ágil. Além do Nordeste, uma região que deve ser olhada com bons olhos é o norte de Minas Gerais, onde a produção deve crescer nos próximos anos.



ENTREVISTA: Sr. Roberto Yoshiharu Fukugauti

“NORTE DE MG PODE FAVORECER JANELA DE MERCADO DE SP, MAS INFRAESTRUTURA PESA CONTRA”

Roberto Yoshiharu Fukugauti, sócio diretor da empresa Santa Eliza Produção e Comércio de Citros Ltda., é formado em engenharia elétrica pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Trabalha com a família desde 1986, especialmente com a produção e comercialização de citros. Em 2003, viu a oportunidade de expandir seu negócio para o norte de Minas Gerais, onde começou a produzir laranja.

Hortifruti Brasil: São Paulo é o maior estado produtor de laranja do Brasil. O que fez o senhor expandir a atividade para o Norte de Minas Gerais?

Fukugauti: O que nos fez começar a investir em citricultura no norte de Minas Gerais foi a possibilidade de antecipar a safra frente à de São Paulo, aproveitando os preços mais atrativos no período de entressafra paulista. A região tem clima mais seco, e isso facilita a indução antecipada da florada (através da irrigação) em relação a São Paulo. Nós iniciamos a produção no norte de Minas em 2003 com variedades de laranja como lima, baía, pera e a tangerina poncã.

HF Brasil: Como o senhor avalia a logística para escoar sua produção em São Paulo e em Minas Gerais?

Fukugauti: Em Minas Gerais, as rodovias não são muito boas e é difícil encontrar pista de mão dupla. Mas, o fato de a colheita se concentrar em um período de menor oferta paulista torna viável o

“Para se começar em investir em fruticultura, no entanto, tudo depende de vários fatores, como a localização, infraestrutura, energia elétrica disponível, como é o acesso até essa localidade, se há água disponível na propriedade, entre outros.”

escoamento para vários mercados do Brasil, como os do Sul, Sudeste e Nordeste. A desvantagem do Norte de Minas é que não há indústrias para absor-

ver as frutas de qualidade inferior. Já em São Paulo, além da presença das indústrias que compram o refugio da produção de mesa, a logística é melhor, especialmente dentro do estado, que tem rodovias em excelentes condições.

HF Brasil: *Em sua opinião, o norte de Minas Gerais tem se consolidado como um potencial polo fruticultor?*

Fukugauti: Sim, o Norte de Minas tem muitas oportunidades para crescer. Para que os investimentos sejam ampliados, é necessário se adaptar às condições mais precárias de infraestrutura. Para

“Tivemos a oportunidade de investir em Minas Gerais, mas quando começamos a colocar o projeto em prática, constatamos que tem um grande custo envolvido.”

se implantar um pomar na região, é essencial ter irrigação, mas há deficiência de energia elétrica em determinadas áreas, por exemplo. Já em São Paulo, especialmente nas regiões tradicionais de laranja, não temos esse problema.

HF Brasil: *Qual é o preço médio da terra hoje no Norte de Minas Gerais?*

Fukugauti: No Norte de Minas, o preço médio da terra hoje varia em torno de 7.000 a 8.000/hectare. É bem mais barato que no estado de São Paulo. Pelo menos na minha região de Aguaí, o custo da terra varia de R\$ 35.000 a R\$ 40.000/hectare. Para se começar em investir em fruticultura, no entanto, tudo depende de vários fatores, como a localização, infraestrutura, energia elétrica disponível, como é o acesso até essa localidade, se há água disponível na propriedade, entre outros. Mas o produtor tem que procurar e avaliar o que é mais conveniente para o seu projeto de implantação de uma cultura.

HF Brasil: *Caso planeje um novo investimento no setor, onde seria: em São Paulo ou no Norte de Minas? Por quê?*

Fukugauti: São Paulo tem a melhor infraestrutu-

ra para se produzir laranja. Por outro lado, o custo das terras paulistas está muito elevado. Outro grande problema de São Paulo tem sido a questão fitossanitária, especialmente o *greening*, que é um fator limitante para se investir no estado. Outro aspecto a se considerar é que o preço da fruta fresca em São Paulo acaba sendo influenciado pelo valor pago pela indústria. Assim, conseguir programar uma fruta fora da concentração da safra paulista é também uma excelente oportunidade e as condições climáticas do norte de Minas favorecem ofertar nesta janela. O clima seco no Norte de Minas é favorável à programação da safra, principalmente porque a necessidade de água é suprida através de irrigação, captada do rio São Francisco. O maior empecilho na região mineira é que pode chover no período ideal de estresse das plantas para que a colheita seja feita na entressafra paulista, como ocorreu em maio do ano passado.

HF Brasil: *Quais as suas perspectivas para São Paulo e para o Norte de Minas? O senhor acha que essas regiões devem crescer ainda mais na produção de frutas e hortaliças ou novas áreas do Brasil serão mais atrativas para a hortifruticultura?*

Fukugauti: Acredito que o mercado paulista vai depender muito do que acontecer nos próximos anos com relação a preços. Acredito que Jales (SP) é uma região interessante para se investir em citricultura; tenho observado um aumento na produção da variedade pera. No momento, as atividades de colheita de pera nesta região já começaram em pomares irrigados e, devido ao clima mais seco do que no sul de São Paulo, a safra se inicia também mais cedo, em abril/maio. No Norte de Minas, considerando-se a produção de citros, em especial, não tenho observado crescimento em área. O que está desestimulando novos investimentos é que o clima nos últimos anos não tem colaborado para a antecipação da safra em relação a São Paulo. Independente de as condições climáticas se normalizarem, a infraestrutura, especialmente para a implantação de projetos de irrigação, tem de melhorar. Para implementar nosso projeto, tivemos de enfrentar muitos obstáculos, a ponto de termos de pagar a concessionária de energia elétrica local para termos a energia necessária em nossa propriedade. Tivemos a oportunidade de investir em Minas Gerais, mas quando começamos a colocar o projeto em prática, constatamos que tem um grande custo envolvido.■

Só uma coisa cresce mais do que as plantas a partir da amontoa: a proteção de Infinito.



INFINITO

Infinito é proteção Estendida na batata.

Você já pode deixar sua lavoura mais protegida contra a requeima. Chegou Infinito, o novo fungicida da Bayer CropScience que atua a partir da fase da amontoa com consistência em folhas, hastes e tubérculos. Uma nova fórmula eficiente que se redistribui nos tecidos novos da planta e age continuamente nos momentos em que as plantas mais precisam.

Infinito - Proteção Estendida.



Bayer CropScience
Se é Bayer, é bom.



ATENÇÃO: Este produto é destinado à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Use corretamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo. Se não é recomendado para uso em áreas sensíveis ou para proteção ambiental. Não permita a utilização de produtos para controle de pragas. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob responsabilidade agrônoma.

DOW AGROSCIENCES PROTEÇÃO DE PONTA A PONTA

© dowagro.com.br



Pulsor[®] 240 SC
FUNGICIDA

Dithane[®] NT
FUNGICIDA

Curathane[®] SC
FUNGICIDA

Sabre[®]
INSETICIDA

Lorsban[®] 480 BR
INSETICIDA

Intrepid[®] 240 SC
INSETICIDA

Tairel[®] M

Platinum NEO

Ellect

A Dow AgroSciences apresenta sua linha de produtos para proteção das lavouras de Hortifruti.

São diversas soluções, para múltiplas culturas, que protegem sua produção de ponta a pontal

www.dowagro.com.br
0800 772 2492

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

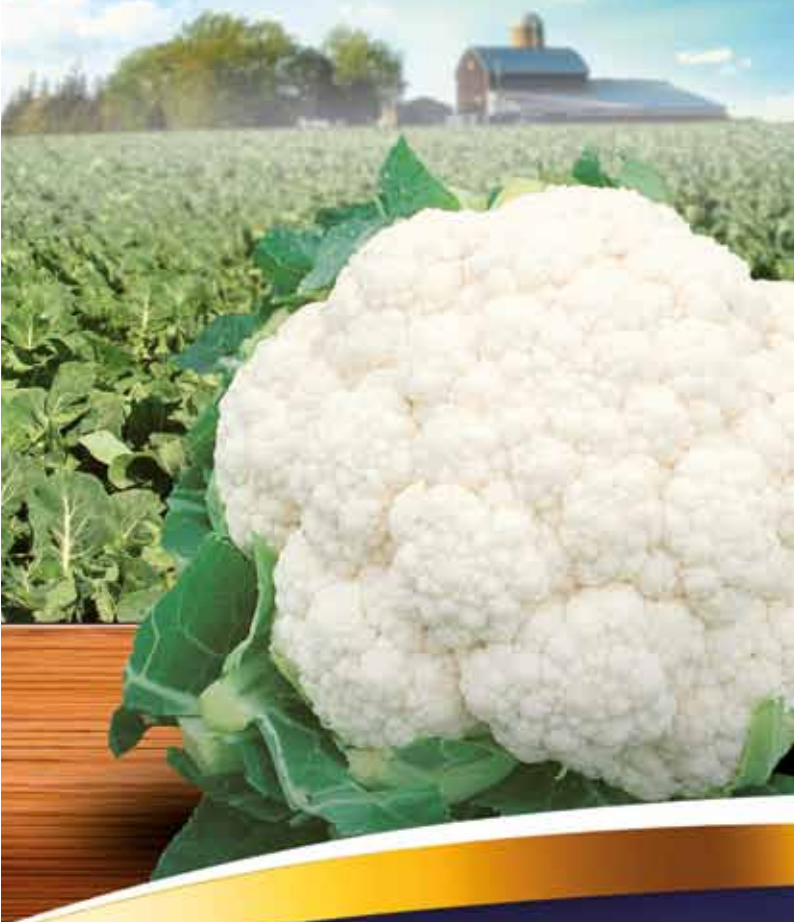
CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Dow AgroSciences

Soluções para um Mundo em Crescimento[®]

Invista certo, plante **Alpina F1**.



Couve-flor híbrida **ALPINA F1**

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|--|--|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____

Em ____/____/____ Responsável _____

Impresso
Especial
FEALQ
9912227297-2009 - DR/SPI

... CORREIOS ...



Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hfcepea@usp.br

IMPRESSO



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Couve-flor híbrida

ALPINA F1

- Boa proteção de cabeça
- Indicada para processamento e consumo in natura
- Resistência: Xcc

Consulte o seu engenheiro agrônomo ou a nossa equipe técnica e verifique o melhor posicionamento agrônomo do produto na sua região.

NOVA ESTUDO

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

www.AGRISTAR.com.br

Tel.: 24 2222-9000

Xcc - Xanthomonas campestris pv. campestris

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil